



Estratégia

CONCURSOS

Aula 09

Português p/ ABIN - Com Videoaulas

Professor: Fabiano Sales

AULA 09

RECONHECIMENTO DE TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS. DOMÍNIO DOS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL. EMPREGO DE ELEMENTOS DE REFERENCIAÇÃO, SUBSTITUIÇÃO E REPETIÇÃO, DE CONECTORES E DE ELEMENTOS DE SEQUENCIAÇÃO TEXTUAL. REESCRITURA DE FRASES E PARÁGRAFOS DO TEXTO. SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRAS OU DE TRECHOS DE TEXTO.

SUMÁRIO	PÁGINA
01. Gênero Textual X Tipologia Textual	02
02. Tipologia Textual: Narração, Descrição, Injunção e Dissertação	03 - 15
03. Dicas de Leitura	23 - 24
04. Compreensão e Interpretação de Textos	24 - 28
05. Coerência e Coesão	29 - 34
06. Significação das Palavras	38 - 45
07. Reescritura de Frases e Parágrafos do Texto (Paráfrase) e Substituição de Palavras ou de Trechos de Texto.	48 - 52
08. Lista das Questões Comentadas na Aula	71

Reflexão:

"Se você quer ser bem-sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si mesmo."

(Ayrton Senna)

GÊNERO TEXTUAL X TIPOLOGIA TEXTUAL

Inicialmente, é importante esclarecer que **gênero textual** e **tipologia textual** não se confundem.

O **gênero textual** relaciona-se à função, ao **objetivo do texto**. A observância dos títulos e da fonte (veículo material onde se encontra o texto) é muito importante para se saber qual é o objetivo textual. Por exemplo, qual o objetivo do gênero **anúncio**? É **provocar uma atitude de compra**. E do gênero **manual de instruções**? Quem já teve contato com esse gênero sabe que a finalidade é **auxiliar na utilização adequada de algum aparelho**. Por sua vez, o gênero **noticiário** tem a função de **informar**. Já um editorial tem a finalidade de **expor um fato**. Por fim, o gênero **horóscopo**, presente diariamente em jornais e revistas, apresenta a finalidade de **prever**.

Com relação à **tipologia textual**, podemos dizer que há obediência a aspectos linguísticos próprios, relacionados à estrutura do texto. Por exemplo, o gênero **noticiário**, quando analisado sob o viés estrutural, apresenta características pertencentes a uma **narrativa**. Por sua vez, o gênero **horóscopo**, quanto ao modo de organização do discurso, contém características relativas a um texto **injuntivo (ou instrucional)**.

Logo, é necessário observar o **objetivo a que se destina o texto** e as **técnicas/características pertinentes a cada tipo textual**.

TIPOLOGIA TEXTUAL

Seguindo a tradição exigida em concursos públicos organizados pela banca CESPE/UnB, abordaremos os tipos de textos mais recorrentes, sendo classificados em **narrativos, descritivos, injuntivos (instrucionais) e dissertativos (expositivos ou argumentativos)**. Por ser o texto dissertativo-argumentativo a modalidade discursiva mais recorrente em concursos públicos, daremos ênfase a essa tipologia.

Difícilmente encontra-se um texto que apresente características exclusivamente narrativas, descritivas, injuntivas ou dissertativas (expositivas ou argumentativas). Em provas, é frequente a combinação de características inerentes a esses tipos de textos em uma só superfície textual, mas, normalmente, há a predominância de uma dessas formas. Assim, devemos dizer que **“O texto é predominantemente”** narrativo, descritivo, injuntivo ou dissertativo (expositivo ou argumentativo).

Vocês podem me perguntar: Fabiano, como saberemos se um texto possui predominantemente características narrativas, descritivas, injuntivas ou dissertativas?

Meus amigos, por isso estudaremos as características dos principais tipos de textos.

NARRAÇÃO

Narrar é contar uma história, uma sequência de fatos ocorridos em determinado local e tempo. Em outras palavras, é o retrato de um fato real ou imaginário contado por um narrador.

Para que vocês consigam compreender uma narração, é preciso que o narrador evidencie:

- O fato ocorrido;
- O motivo de sua ocorrência;
- De que forma ocorreu; e
- Com quem o fato ocorreu.

Para tanto, é necessário conhecer os elementos básicos de um texto narrativo: **narrador**, **personagem**, **espaço**, **tempo** e **enredo**.

NARRADOR - é aquele que relata os fatos. A história pode ser narrada por um **narrador-personagem** (1ª pessoa) ou por um **narrador-observador** (3ª pessoa).

	Conceito	Exemplo
Narrador-personagem (1ª pessoa)	É uma personagem que, ao mesmo tempo, participa da história e narra os acontecimentos. Em outras palavras, a personagem vê os fatos de dentro da história (ponto de vista interno). Com o narrador-personagem, o foco narrativo é de 1ª pessoa, sendo marcado pelo emprego do pronome pessoal reto eu , além de suas formas oblíquas correspondentes (me , mim). Com o narrador-personagem, a narração é subjetiva , isto é, os fatos são narrados de acordo com os sentimentos e as emoções daquele que narra.	Contou-me um guia em Buenos Aires, que quando se diz que essa cidade é a mais europeia das Américas, muitas pessoas torcem o nariz. Pura dor de cotovelo! Quem conhece Buenos Aires como eu, sabe que isso é verdade.
Narrador-observador (3ª pessoa)	Relata os acontecimentos da narrativa como observador. Em outras palavras, alguém está observando o fato de fora e o relata. O foco narrativo é de 3ª pessoa, sendo marcado tanto pelo emprego dos pronomes ele(s) , ela(s) quanto pelo uso de verbos em 3ª pessoa . Com o narrador-observador, a narração é objetiva , ou seja, aquele que relata os fatos narra-os <u>sem</u> demonstrar seus sentimentos.	Ele morava numa cidadezinha do interior. Tinha nascido ali, conhecia todo mundo. Era muito dado, dado demais para o gosto da mulher, que estava sempre de olho nos salamaleques que ele vivia fazendo para a mulherada do lugar. Puras gentilezas - dizia ele.

PERSONAGEM – é o elemento que participa da história. Pode ser pessoa, coisa ou animal. O narrador deve sempre criá-la, pois não há narração sem personagem.

Havendo mais de uma personagem, o narrador pode separá-las em **protagonista** e **antagonista**. Esta (antagonista) é a personagem que se opõe à principal. Aquela (protagonista) é a personagem principal, em quem se centraliza a narrativa. Há, ainda, as personagens secundárias: são aquelas que participam dos fatos, mas não constituem o núcleo da narrativa.

ESPAÇO (ou LUGAR) - é a localização física e geográfica dos fatos narrados, a fim de estimular a imaginação do leitor. Vamos ver um exemplo.

“Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E, no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda.” (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

Esse texto caracteriza-se narrativo, porque:

- está situado no tempo (81);
- faz menção a lugares onde a trama (enredo) se desenvolve (frente da casa, fazenda e Rio Pardo); e
- apresenta personagens (Ana Terra, Maneco e Horácio).

TEMPO - é o momento em que a história se passa. O tempo da narração pode ser **presente**, **passado** ou **futuro**. Em narrativas, há o predomínio do tempo passado (pretérito), pois essa tipologia textual tem como característica básica o “fato consumado”, isto é, o fato narrado já ocorreu. Quando a intenção é a **criação do imaginário ou a sensação de fantasia**, usa-se a forma do **pretérito imperfeito do indicativo**.

Exemplo:

“João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite, ele chegou ao Bar Vinte de Novembro.

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.”

(Manuel Bandeira)

O tempo da narrativa pode ser **cronológico** (linear, ocorrendo na ordem natural dos fatos – por exemplo, um dia, uma semana) ou **psicológico** (a memória do narrador – de acordo com as lembranças do narrador, a ordem dos acontecimentos pode ser modificada).

Exemplo de tempo cronológico (tempo real)

Após o expediente, partiu para comemorar seu aniversário na casa de seus queridos amigos. Sabia que lá haveria muita brincadeira, alegria e descontração. Assim que chegou ao local, foi recebido alegremente por todos.

Exemplo de tempo psicológico (tempo mental)

Aguardava o socorro dos bombeiros para ser retirado das ferragens. Pensou em sua vida, na família, nos amigos, nos planos que ainda não realizara. Tinha uma esposa linda, muito carinhosa, e uma filha que só lhe trazia alegrias. Mas voltou a si ao sentir as pernas presas nas ferragens.

ENREDO - é definido como a trama desenvolvida em torno das personagens, sendo formado pela sequência de ações (causa e efeito) que se desenrolam durante a narrativa.

Memorizem isto: toda narração é marcada por uma progressão temporal!
O que pretendo dizer com isso? Que toda narração contém uma **exposição**, em que se apresentam a ideia principal, as personagens e o espaço (ou lugar); um desenvolvimento, em que se detalha a ideia principal, que, por sua vez, divide-se em dois momentos distintos: a **complicação** (têm início os “conflitos” entre as personagens) e o **clímax** (ponto culminante); e um **desfecho**, que é a conclusão da narrativa.

Exemplos:

*O rapaz varou a noite inteira conversando com os amigos pela Internet (**exposição**). O pai, quando acordou às seis horas, percebeu a porta do escritório fechada e a luz acesa (**complicação**). O filho ainda estava no computador e não havia ido dormir. Sem que este percebesse, trancou a porta por fora (**clímax**). Meia hora depois, o filho queria sair e teve que chamar o pai, que abriu a porta (**desfecho**).*

“João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número. (**exposição**)

Uma noite, ele chegou ao Bar Vinte de Novembro.
Bebeu
Cantou
Dançou

} (**complicação**)

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas (**clímax**) e morreu afogado (**desfecho**).”

(Manuel Bandeira)

Narração (síntese)

Podemos dizer, em linhas gerais, que a **narração** conceitua-se por apresentar:

- narrador participante (narrador-personagem) ou não (narrador-observador) dos fatos narrados;
- personagens que vivenciam tais fatos, localizando-os no tempo e no espaço;
- fatos em sequência (progressão temporal), numa relação de causa e efeito.

TIPOS DE DISCURSO

Há três tipos de discurso, a saber:

DISCURSO DIRETO – as personagens apresentam suas próprias palavras, sendo precedidas dos chamados **verbos declarativos**, tais como **falar, dizer, responder, argumentar, confessar, ponderar, expressar** etc.

O discurso direto também é marcado por alguns recursos de pontuação (dois-pontos, travessão, aspas, mudança de linha), cuja finalidade é anunciar a participação direta das personagens.

Exemplos:

- (1) O servidor disse ao chefe:
– Pretendo fazer hora extra.
- (2) – Pretendo fazer hora extra - disse o servidor ao chefe.
- (3) O servidor disse ao chefe: “Pretendo fazer hora extra”.
- (4) “Pretendo fazer hora extra”, disse o servidor ao chefe.

DISCURSO INDIRETO

Ocorre quando o narrador, com suas próprias palavras, transmite a fala das personagens.

O discurso indireto apresenta os **verbos declarativos** (**falar, dizer, responder, argumentar, confessar, ponderar, expressar** etc.), sendo marcado também pela **subordinação** (oração subordinada substantiva **objetiva direta**) entre as orações, com as conjunções integrantes **que** e **se**.

Exemplo: O servidor disse ao chefe que pretendia fazer hora extra.

TRANSPOSIÇÃO DE DISCURSO	
Discurso Direto	Discurso Indireto
<p>Enunciado em 1ª ou 2ª pessoa. Ex.: “O aluno disse: - Irei à escola.”</p> <p>Verbo no presente do indicativo. Ex.: “O aluno disse: - Sou estudioso.”</p> <p>Verbo no pretérito perfeito do indicativo. Ex.: “O aluno disse: - Estudei ontem.”</p> <p>Verbo no futuro do presente. Ex.: “O aluno disse: - Estudarei muito.”</p> <p>Verbo no imperativo, presente do subjuntivo ou futuro do subjuntivo. Ex.: “-Não faça escândalo - disse o aluno.”</p> <p>Oração justaposta. Ex.: “O aluno disse: - A prova está fácil.”</p> <p>Oração interrogativa direta. Ex.: “O aluno perguntou: - Lá é bom?”</p> <p>Pronomes demonstrativos de 1ª (este, esta, isto) ou 2ª (esse, essa, isso) pessoas. Ex.: “O aluno disse: - Esta é a prova.”</p> <p>Advérbios de lugar aqui e cá. Ex.: “O aluno disse: Aqui está a prova.”</p> <p>Presença de vocativo. Ex.: Você vai aplicar a prova, professor? – perguntou o aluno.</p>	<p>Enunciado em 3ª pessoa. Ex.: “O aluno disse que iria à escola.”</p> <p>Verbo no pretérito imperfeito do indicativo. Ex.: “O aluno disse que era estudioso.”</p> <p>Verbo no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Ex.: “O aluno disse que estudara ontem.”</p> <p>Verbo no futuro do pretérito. Ex.: “O aluno disse que estudaria muito.”</p> <p>Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo. Ex.: “O aluno disse que não fizesse escândalo.”</p> <p>Oração com conjunção. Ex.: “O aluno disse que a prova estava fácil.”</p> <p>Oração interrogativa indireta (forma declarativa). Ex.: “O aluno perguntou se lá era bom.”</p> <p>Pronome demonstrativo de 3ª pessoa (aquele, aquela, aquilo). Ex.: “O aluno disse que aquela era a prova.”</p> <p>Advérbio de lugar ali e lá. Ex.: “O aluno disse que ali estava a prova.”</p> <p>Presença de objeto indireto na oração principal. Ex.: O aluno perguntou ao professor se ele aplicaria a prova.</p>

DISCURSO INDIRETO LIVRE

O discurso indireto livre ocorre quando as falas da personagem e do narrador se misturam (narrador **onisciente** – aquele que, além de conhecer os fatos, sabe em que a personagem está pensando), isto é, a fala da personagem é incluída no discurso do narrador. Nesse tipo de discurso, não há verbos declarativos e recursos de pontuação (dois-pontos, travessão, aspas, mudança de linha). Essa mistura ocasiona um **monólogo** da personagem.

Exemplo:

"Aperto o copo na mão. Quando Lorena sacode a bola de vidro a neve sobe tão leve. Rodopia flutuante e depois vai caindo no telhado, na cerca e na menininha de capuz vermelho. Então ela sacode de novo. 'Assim tenho neve o ano inteiro'. Mas por que neve o ano inteiro? Onde é que tem neve aqui? Acha linda a neve. Uma enjoada. Trinco a pedra de gelo nos dentes."

(Lygia Fagundes Telles, *As meninas*)

Notamos que a primeira frase em destaque pertence ao narrador, todavia a segunda se confunde entre narrador e personagem. Com esse recurso, a narrativa se torna mais fluente, aproximando narrador e personagem.

DESCRIÇÃO

Podemos definir descrição como o "retrato" de uma sequência de características, de impressões, de detalhes sobre uma pessoa, um "objeto", podendo ser um animal, um ambiente ou uma paisagem.

Na descrição, há valorização dos processos verbais não significativos ou de ligação, ou seja, os verbos de ação ou movimento são secundários. Nessa tipologia textual, o tempo verbal é o **presente do indicativo** ou o **pretérito imperfeito**. Entretanto, utilizam-se em maior número as **formas nominais do verbo** (**gerúndio**, **particípio** ou **infinitivo**), proporcionando a **imobilidade** do objeto descrito.

Exemplo:

"Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do caseiro fechada, tudo anunciava abandono."

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

O parágrafo é descritivo, pois:

- são relatadas imagens, cenas, lugares, com adjetivações (fazenda *sem vida*, curral *deserto*) de um lugar concreto (pátio); e
- os acontecimentos são simultâneos, isto é, não há progressão temporal nem transformação de estado (as cenas ocorrem ao mesmo tempo na fazenda)

Tipos de Descrição

De acordo com o “objeto” descrito, a descrição pode ser:

	CONCEITO	EXEMPLO
Descrição Objetiva (Expressionista)	O autor descreve o “objeto” de forma precisa e imparcial , sem emitir opinião, ou seja, quem descreve mostra a realidade concreta, com uma perspectiva isenta e imparcial. A descrição objetiva é marcada, predominantemente, pela linguagem denotativa , aproximando o “objeto” da realidade, por substantivos concretos e por adjetivos pospostos .	Ele tem uma estrutura de madeira, recoberta de espuma. Sobre a espuma há um tecido grosso. É o sofá da minha sala.
Descrição Subjetiva (Impressionista)	O autor descreve o “objeto” de forma emotiva , fazendo uso de adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e verbos de estado . Quem descreve apresenta uma visão pessoal e parcial , na tentativa de impressionar o leitor. A descrição subjetiva é marcada, predominantemente, pela linguagem conotativa , por substantivos abstratos e por adjetivos antepostos .	Monique era magra, muito fina de corpo, com uma cor morena. Tinha as pernas e os braços muito longos e uma voz ligeiramente rouca.
Descrição Estática	Na descrição estática, autor e “objeto” estão parados , sem movimentar-se. É semelhante a uma fotografia, em que o autor faz uma descrição detida e atenta do “objeto” ou do lugar que observa.	Tem trinta anos, mas aparenta mais de quarenta. Sentado no velho sofá de couro, olhos fechados, pensa nos amigos ausentes ...
Descrição Dinâmica	Na descrição dinâmica, enquanto o autor está parado, o “objeto” descrito movimenta-se . É uma cena em movimento, a qual exige muita concentração do observador.	“Ficava grande parte do dia em pé, andando de mesa em mesa. Um prazer de tirar os sapatos, as meias, mexer os dedos dos pés ...” (Jorge Amado)
Descrição Física	O autor descreve traços físicos da personagem: altura, cor dos olhos, cabelo, forma do rosto, do nariz, da boca, porte, trajés.	Sua pele era muito branca, os olhos azuis, bochechas rosadas. Estatura mediana, magra. Parecia um anjo.
Descrição Psicológica	O autor apresenta o comportamento da personagem, seus hábitos, atitudes e personalidade.	Era sonhadora. Desejava sempre o impossível e recusava-se a ver a realidade.

ESTRUTURA DA DESCRIÇÃO

Estruturalmente, a descrição deve ser dividida em:

- **Primeiro parágrafo – Introdução:** parte do texto em que devem ser apresentados os *aspectos gerais* – externos e/ou internos, referentes à procedência do “objeto” ou à sua localização;
- **Parágrafo(s) central(is) – Desenvolvimento:** parte do texto em que são detalhadas as características físicas e/ou psicológicas do “objeto” descrito;
- **Último parágrafo – Conclusão:** parte do texto em que são mencionados os demais aspectos gerais do “objeto” (utilidade ou característica que o represente como um todo).

Exemplo:

“Este pequeno objeto que agora descrevemos encontra-se sobre uma mesa de escritório e sua função é a de prender folhas de papel. (**aspectos gerais**)

Tem o formato semelhante ao de uma torre de igreja. É constituído por um único fio metálico que, dando duas voltas sobre si mesmo, assume a configuração de dois desenhos (um dentro do outro), cada um deles apresentando uma forma específica. Essa forma é composta por duas figuras geométricas: um retângulo cujo lado maior apresenta aproximadamente três centímetros e um lado menor de cerca de um centímetro e meio; um dos seus lados menores é, ao mesmo tempo, a base de um triângulo equilátero, o que acaba por torná-lo um objeto ligeiramente pontiagudo. (**características físicas**)

O material metálico de que é feito confere-lhe um peso insignificante. Por ser niquelado, apresenta um brilho suave. Prendemos as folhas de papel, fazendo com que elas se encaixem no meio dele. (**características físicas**)

Está presente em todos os escritórios onde se necessitam separar folhas em blocos diferenciados. Embora aparentemente insignificante, dadas as suas reduzidas dimensões, é muito útil na organização de papéis.” (**aspectos gerais**)

(Branca Granatic, Técnicas básicas de redação)

Descrição
(síntese)

Podemos dizer, em linhas gerais, que a **descrição**:

- caracteriza-se por meio de imagens ou palavras, seres, processos, cenas e lugares;
- emprega termos com função adjetiva (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas) e verbos de ligação;
- estabelece comparações (metáforas, por exemplo);
- faz inferências a impressões sensoriais: cores, formas, gostos, cheiros, sons etc.

Recapitulando...

Vamos visualizar as diferenças entre narração e descrição:

NARRAÇÃO	DESCRIÇÃO
Fatos não simultâneos, marcando uma temporalidade (há progressão temporal).	Fatos simultâneos , concomitantes, marcando uma atemporalidade (ausência de progressão temporal).
É dinâmica , com presença de verbos significativos, uma vez que o importante é a ação, isto é, o que aconteceu.	É estática , isto é, destituída de ação; o ser, o objeto ou o ambiente têm mais importância.
Destaca as relações lógicas , as causalidades . Em outras palavras, sempre haverá o desenrolar de um fato: a ação ; a presença de quem participa do fato: a personagem ; o lugar em que ocorre fato: o espaço ; o instante em que ocorre o fato: o tempo ; alguém que conta o fato: o narrador ; e o fato propriamente dito: o enredo .	Destaca os seres , os objetos , impondo-lhes características . Por essa razão, as frases têm como destaque o substantivo (representa cenas, paisagens, ambientes, seres, coisas e estados psíquicos) e o adjetivo (indica aspectos mais característicos, representando o registro de impressões sobre o descrito, marcando cor, sonoridade, textura, aroma ou sabor).

Exemplo de parágrafo narrativo

Eram sete horas da noite em São Paulo e a cidade toda se agitava naquele clima de quase tumulto típico dessa hora. De repente, uma escuridão total caiu sobre todos como uma espessa lona opaca de um grande circo. Os veículos acenderam os faróis altos, insuficientes para substituir a iluminação anterior.

Esse texto caracteriza-se narrativo, pois:

- relata fatos concretos, num espaço concreto (São Paulo) e tempo definido (sete horas da noite); e
- os fatos narrados não são simultâneos: há mudança de um estado para outro, e, por isso, existe uma relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados (antes “... a cidade toda se agitava” e depois “... uma escuridão total caiu sobre todos ...”).

Exemplo de parágrafo descritivo

Eis São Paulo às sete horas da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios.

O parágrafo é descritivo, pois:

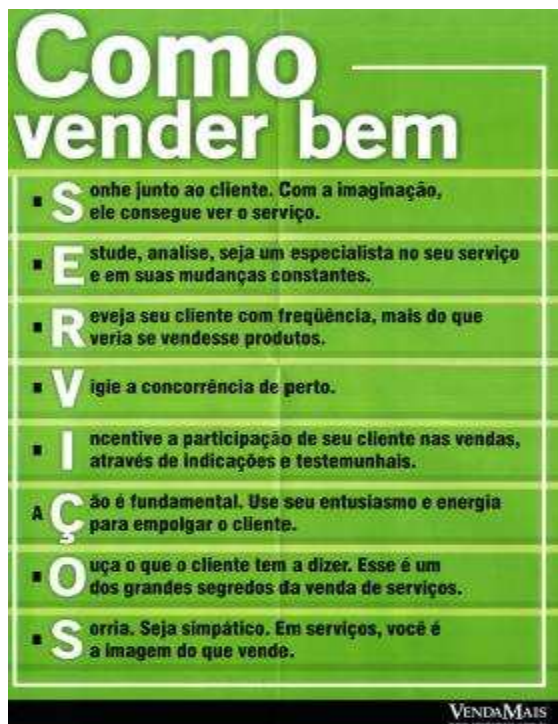
- são relatadas várias adjetivações (trânsito *lento* e *nervoso*; pessoas *apressadas*; bocas *cansadas*) de um lugar concreto num ponto estático do tempo (*Eis São Paulo às sete horas da noite*);
- os acontecimentos são simultâneos – ou concebido como se fossem –, isto é, não há progressão temporal entre os enunciados (tudo ocorre às sete horas da noite).

INJUNÇÃO

O texto **injuntivo** (ou **instrucional**) é aquele que, através de uma linguagem apelativa, tem como objetivo persuadir o leitor/alocutário a realizar uma ação ou a adotar determinado comportamento.

Nessa tipologia textual, exprimem-se ordens, pedidos, sugestões, orientações. Além disso, o texto **injuntivo** é marcado pelo emprego de formas verbais no **imperativo**, seja no afirmativo, seja no negativo, e pelo uso da **segunda pessoa** (pronomes **tu** e **você**) para aproximar o receptor da mensagem.

Essa tipologia é muito recorrente em textos **publicitários**, **propagandas**, **receitas**, **manuals**, **leis**, **horóscopos**, **provérbios** e **discursos políticos**. Vejam.



(Encarte pôster, inserido na ed. 147, revista *VendaMais*, de julho de 2006.)

No texto acima, encontramos formas verbais no **imperativo** (“sonhe”, “estude”, “analise”, “reveja” etc.) – denotando ordem, pedido – e a forma pronominal “**você**”, empregadas com a intenção de aproximar receptor e mensagem. São características do texto **injuntivo**.

Essa é para quem é mais “antigo” (eu, por exemplo...rs). Quem não se recorda da famosa propaganda da **Garoto**? Vejam abaixo:

“**Compre** Baton. **Compre** Baton. Seu filho merece Baton!”



No anúncio, percebe-se a clara intenção de persuadir o receptor da mensagem, levando-o à compra do produto. Como os publicitários conseguiram obter esse efeito? Através do emprego de formas **imperativas** (“Compre, Compre”), aproximando, mais uma vez, mensagem e receptor.

Injunção (síntese)

Podemos dizer, em síntese, que o texto injuntivo:

- caracteriza-se por uma linguagem apelativa, direta e persuasiva;
- emprega formas verbais no imperativo (afirmativo ou negativo); e
- lança mão de formas pronominais de segunda pessoa (tu e você), com a intenção de aproximar receptor e mensagem.

DISSERTAÇÃO

Podemos definir dissertação como a apresentação de fatos ou a emissão de uma opinião, baseada em argumentos, acerca de um determinado assunto.

Existem dois tipos de dissertação: a **expositiva (objetiva)** e a **argumentativa (subjativa)**.

O texto dissertativo **expositivo (objetivo)**, também conhecido com **informativo**, é aquele em que o autor não defende sua opinião. Em outras palavras, o autor apenas explica as ideias, sem preocupar-se em convencer os leitores, tendo por objetivo apenas informar, apresentar, definir ou explicar o fato aos interlocutores. Esse tipo de texto é usado na imprensa, em livros didáticos, em enciclopédias, em biografias e em revistas de divulgação técnica e científica.

Exemplo:

Cor da casca depende da ração

Por que existem ovos de galinha com a casca branca e outros com a casca marrom? Há algumas diferenças nutritivas, entre elas a cor da casca dos ovos, que dependem basicamente da composição da ração que é dada à galinha. “Existem várias opções de composição. Cada criador escolhe a que mais se adapta ao tipo de animal que está criando”, explica a engenheira de alimentos Eney Martucci, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo. Se houver, por exemplo, beterraba ou cenoura na ração, a coloração da casca será alterada e ela ficará mais escura. A cor do ovo, portanto, não tem relação com a cor da galinha que o gerou.

(Revista Superinteressante, novembro de 1995, com adaptações)

Com uma abordagem objetiva, o autor do texto acima tem por finalidade apenas informar o leitor acerca do motivo que acarreta as diferenças entre as cores dos ovos: a ração que é oferecida à galinha.

Exposição

Em resumo, podemos dizer que o texto expositivo (ou informativo) apresenta:

- objetividade – vocabulário preciso e denotativo;
- impessoalidade/imparcialidade – o autor não emite opinião; apenas expõe o assunto;
- documentação – o autor baseia as informações em testemunhos de autoridades, citar fontes etc.

Já o texto dissertativo **argumentativo (subjetivo)** tem como finalidade o desenvolvimento de um tema, sendo composto por opiniões do autor acerca do assunto. É baseado em argumentos que pretendem persuadir o leitor.

Exemplo:

Preconceito contra a roça

A sociedade brasileira, infelizmente, enxerga seu universo rural com preconceito. Em decorrência, menospreza a importância da agropecuária na geração de emprego e da renda nacional. Pior, atribui ao setor uma pecha negativa: o moderno está na cidade; o atraso, na roça.

Razões variadas explicam esse terrível preconceito. Suas origens remontam ao sistema latifundiário. Com a acelerada urbanização, o violento êxodo rural subverteu, em uma geração, os valores sociais: quem restou no campo virou passado. As distâncias geográficas do interior, a defesa ecológica, a confusão da reforma agrária, o endividamento rural, todos esses fatores explicam a prevenção contra o ruralismo.

Na linguagem popular, o apelido depreciativo é sempre da agricultura. Fulano é burro, vá plantar batatas! Nas finanças, o malandro é laranja. Que pepino, hein? Um grande abacaxi! Ninguém usa comparações positivas: íntegro como boi, bonito qual jequitibá! Na música, a sanfona, ou a viola, é brega. Pior de tudo, nas festas juninas, crianças são vestidas com calças remendadas, chapéu de palha desfiado e, pasmem, dentes pintados de preto para parecerem banguelas.

Triste país que deprecia suas origens. Um misto de desinformação e preconceito que impede que a agricultura ressalte sua força e seu valor. As mazelas do campo - ainda

são muitas - suplantam, na mídia, os benefícios da modernidade rural. Os meios de comunicação focalizam seus problemas e não as vitórias alcançadas. Miopia cultural.

(Xico Graziano. O Estado de S. Paulo, Caderno 2º, 25/7/2001, com adaptações.)

No texto acima, o autor claramente demonstra seu **ponto de vista** ao criticar a depreciação do universo rural feita sociedade brasileira. Para a defesa de sua tese, o autor tenta persuadir o leitor, evidenciando a importância da agropecuária na geração de emprego e da renda nacional, fazendo uso de **modalizadores – indicadores de opinião** (“**infelizmente**”, “**pior**”, “**terrível**”) – e de expressões contrárias ao preconceito (“Miopia cultural”).

Vamos ver como o assunto foi cobrado pelo CESPE/UnB:

(CESPE/UnB-2008/TCU) Julgue o item que se seguem, acerca dos elementos do texto abaixo.

1 O presidente do TCU, ministro Walton Alencar
Rodrigues, encaminhou ao Congresso Nacional o Relatório
de Atividades referente a 2007. O documento apresenta os
4 principais resultados da atuação do TCU, tanto na área
administrativa quanto na área do controle das entidades
públicas. Em 2007, os benefícios diretos ao Tesouro
7 Nacional e aos cidadãos, decorrentes da atuação do tribunal,
superaram R\$ 5,5 bilhões. “Isso significa que, para cada real
gasto com o custeio do TCU, a União economizou cinco e
10 meio”, disse ele. Walton Alencar Rodrigues destacou,
também, a atuação prévia do TCU, por meio da adoção de
medidas cautelares, com o objetivo de evitar grave lesão ao
13 erário, ou a direito alheio, que envolveu a cifra de R\$ 7,9
bilhões. “Só isso demonstra os méritos dessa visão pró-ativa
adotada pelo TCU em relação à despesa pública, no sentido
16 de evitar a concretização dos danos”, explicou o presidente.

Informativo TCU, mar.-abr./2008, ano 10, n.º 390.
Internet: <portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

1. Esse texto caracteriza-se como predominantemente informativo.

Comentário: O texto dissertativo **expositivo (objetivo)**, também conhecido com **informativo**, é aquele em que o autor não defende sua opinião. Em outras palavras, o autor tem por objetivo apenas informar, apresentar, definir ou explicar o fato aos interlocutores. É o que ocorre no texto acima. Reparem, inclusive, nas referências do texto, localizadas no rodapé “**Informativo TCU**”. Sempre que houver, leiam o rodapé!

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2009/TCU) Julgue os seguintes itens com base na organização do texto abaixo.

O termo *groupthinking* foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem *groupthinking* como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e

procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

2. A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo “groupthinking” (linhas 1-2), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

Comentário: O tópico frasal da introdução é iniciado com uma **alusão histórica** a um fato ocorrido, característica de textos dissertativos-argumentativos: “O termo *groupthinking* foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo...”. Existem, também, outros tipos de tópicos frasais, quais sejam: **declaração inicial, definição, divisão, interrogação** etc.

Gabarito: Certo.

3. Apesar de a definição de “groupthinking” (linhas 4-7) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como “sintomas” (linha 7), “receitas” (linha 12) e “patologia” (linha 12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

Comentário: A postura negativa do autor a respeito do processo é evidenciada com o emprego palavras da área da saúde que apresentam valor negativo, seguidas de suas consequências:

“sintomas” – “ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos.”
“receitas” e “patologia” – o autor critica as temerárias tomadas de decisões, pois causam grandes fracassos (linha 3)

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2008/Ministério da Saúde)

Cuidados para evitar envenenamentos

Mantenha sempre medicamentos e produtos tóxicos fora do alcance das crianças;
Não utilize medicamentos sem orientação de um médico e leia a bula antes de consumi-los;
Não armazene restos de medicamentos e tenha atenção ao seu prazo de validade;
Nunca deixe de ler o rótulo ou a bula antes de usar qualquer medicamento;
Evite tomar remédio na frente de crianças;
Não ingira nem dê remédio no escuro para que não haja trocas perigosas;
Não utilize remédios sem orientação médica e com prazo de validade vencido;
Mantenha os medicamentos nas embalagens originais;
Cuidado com remédios de uso infantil e de uso adulto com embalagens muito parecidas;
Erros de identificação podem causar intoxicações graves e, às vezes, fatais;
Pílulas coloridas, embalagens e garrafas bonitas, brilhantes e atraentes, odor e sabor adocicados despertam a atenção e a curiosidade natural das crianças; não estimule essa curiosidade; mantenha medicamentos e produtos domésticos trancados e fora do alcance dos pequenos.

Internet: <189.28.128.100/porta/aplicacoes/noticias> (com adaptações).

4. O emprego do imperativo nas oito primeiras frases depois do título indica que se trata de um texto narrativo.

Comentário: O texto acima é injuntivo (ou instrucional), pois faz uso do emprego de uma linguagem apelativa, tendo como objetivo persuadir o leitor a adotar alguns cuidados com relação à manipulação de medicamentos e produtos tóxicos. Além disso, o texto é marcado pelo emprego de formas verbais no **imperativo** “Mantenha”, “Evite” “Não utilize”, “Não armazene”, “Nunca deixe”. O que também caracteriza o texto como injuntivo é o emprego da segunda pessoa (pronomes **você**) para aproximar o receptor da mensagem.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

Da memória e da reminiscência

1 A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

4 Essas duas perguntas são formuladas dentro do espírito da fenomenologia husserliana. Privilegiou-se, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido
7 segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. Essa abordagem “objetiva” levanta um problema específico no plano da memória. Não seria ela fundamentalmente reflexiva,
10 como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal: lembrar-se de alguma coisa é, de imediato, lembrar-se de si? Entretanto, insistimos em colocar a pergunta “o quê?” antes da
13 pergunta “quem?”, a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer prevalecer o lado egológico da experiência mnemônica. A primazia concedida por muito tempo à questão
16 “quem?” teve o efeito negativo de conduzir a análise dos fenômenos mnemônicos a um impasse, uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva. Se nos
19 apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo
22 de corpo estranho na fenomenologia da memória. Se não quisermos nos deixar confinar numa aporia inútil, será preciso manter em suspenso a questão da atribuição a alguém e,
25 portanto, a todas as pessoas gramaticais do ato de lembrar-se, e começar pela pergunta “o quê?”.

Paul Ricœur. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 23 (com adaptações).

5. No texto, que se caracteriza como expositivo-argumentativo, identificam-se a combinação de vocabulário abstrato com metáforas e o emprego de estruturas sintáticas repetidas.

Comentário: É possível que vocês tenham ficado confusos com a expressão “expositivo-argumentativo”. Porém, essa “nomenclatura” empregada pela banca faz referência a considerações pessoais e críticas acerca do assunto. E como fazer isso? Através da apresentação de exemplos, dados estatísticos que ratifiquem o posicionamento do autor, por exemplo. Voltando ao texto, percebemos que o autor defende a tese da estruturação da fenomenologia da memória: “Se nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória”. Além disso, é possível encontrar no texto a combinação de vocabulário abstrato com metáforas e o emprego de estruturas sintáticas repetidas, tal como se observa nas passagens:

“Essa abordagem ‘objetal’ levanta um problema específico no plano da memória”

“Se nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu... a noção de memória coletiva poderá...”

“Se não quisermos nos deixar confinar numa aporia inútil, será preciso manter...”

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

- 1 Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
- 4 Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
- 7 Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim — língua que o faria conhecido em toda a Europa.
- 10 Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro *Adágios*.
- 13 Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega — idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.
- 16

*Filosofia, n.º 28, Escala Educacional, 16
(com adaptações).*

6. O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

Comentário: O texto representa um informativo sobre “Cinco curiosidades sobre Erasmo de *Rotterdam*” (informação contida no título). Quando há a exposição de dados relativos à vida de uma pessoa, temos o gênero conhecido como biografia.

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

1 É impossível pensar o mundo contemporâneo sem
reconhecer-lhe uma das características mais marcantes e
fundamentais: este é o período histórico no qual se opera a
4 mais radical das revoluções já experimentadas pela
humanidade, tanto em amplitude quanto em profundidade.
Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série
7 de avanços no conhecimento científico e pelo desenvolvimento
imediato de aplicações desses novos conhecimentos à produção
e à circulação de bens materiais e simbólicos. Convencionou-se
10 denominá-la, portanto, revolução científica e tecnológica.
Não se trata de um simples salto qualitativo no acúmulo de
conhecimento humano, similar aos que ocorreram em outras
13 épocas. O ritmo dessa acumulação ganhou nova velocidade,
entrou em outro patamar, inusitado, uma vez que os avanços
nas diferentes áreas interagem e potencializam a produção mais
16 rápida ainda de novos conhecimentos. Nesse sentido, o que
distingue a atual revolução de outros tantos definitivos marcos
históricos, desde a sedentarização e a revolução na agricultura,
19 é a tremenda rapidez, a agilidade e a amplitude das mudanças
e transformações.

Vilma Figueiredo; Roberto Freire e Caetano E. P. de Araújo. *Revolução científica e tecnológica*. Brasília: UnB, 1997, p. 71-2 (com adaptações).

7. O trecho “uma série de avanços (...) bens materiais e simbólicos” (linhas 6-9) constitui a tese que os autores visam comprovar por meio da argumentação formulada no texto, que pode ser classificado como dissertativo-argumentativo.

Comentário: O erro do item relaciona-se à informação acerca da tese defendida pelos autores. No texto, eles defendem “o período histórico no qual se opera a mais

radical das revoluções já experimentadas pela humanidade, tanto em amplitude quanto em profundidade”. Quanto à estrutura, o texto deve ser classificado como dissertativo-argumentativo, já que os autores emitem opiniões.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2010/MPU)

As projeções sobre a economia para os próximos dez anos são alentadoras. Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza. Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.

Tais previsões baseiam-se na hipótese de que o país vai superar eventuais obstáculos que impediriam a economia de crescer a ritmo continuado de 5% ao ano, em média. Para realizar essas projeções, o Brasil precisa aumentar a sua capacidade de poupança doméstica e investir mais para ampliar a oferta e se tornar competitivo.

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.

O Globo, Editorial, 12/7/2010 (com adaptações).

8. Pelas estruturas sintáticas, escolhas lexicais e modo de organização das ideias, conclui-se que predomina, no texto, o tipo textual narrativo.

Comentário: Textos que apresentam o posicionamento (opinião) do autor acerca de determinado assunto são caracterizados como dissertativo-argumentativos. Isso fica mais evidente no último parágrafo do texto, em que são feitas considerações finais acerca da temática “... o país deve priorizar...”, “É dessa forma que são criadas oportunidades de trabalho...”.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que, nos próximos quatro anos, os investimentos na indústria brasileira chegarão a R\$ 500 bilhões, um valor 60% maior do que os R\$ 311 bilhões investidos entre 2005 e 2008 (o banco não incluiu 2009, pois ainda não dispõe de dados consolidados do ano passado).

O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo, como a indústria naval e a de fabricação de plataformas. Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia. Mas o BNDES prevê

também fortes investimentos em setores voltados para atender à demanda interna, entre os quais o automobilístico.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

9. Trata-se de texto subjetivo e pessoal, em que o autor explicita sua opinião individual.

Comentário: O que o CESPE/UnB quis dizer com “texto subjetivo e pessoal”? Bem, amigos, sabemos que os textos dissertativo-argumentativos são subjetivos têm como finalidade o desenvolvimento de um tema, sendo composto por opiniões do autor acerca do assunto. Não é o que ocorre no texto em comento, pois se trata de um mero informativo (portanto, com o objetivo de informar) sobre investimentos na indústria brasileira nos próximos quatro anos, com base em estudos feitos pelo BNDES.

Gabarito: Errado.

TEXTO

Conceito

Antes de passar propriamente para o estudo da compreensão e da interpretação textual, é necessário esclarecer o que é **texto**.

Texto não é um aglomerado de palavras e de frases desconexas, mas, sim, um todo, com unidade de sentido e intencionalidade do discurso. Em outras palavras, texto é qualquer mensagem, todo tipo de comunicação de sentido completo, oral ou escrita (não se restringe à linguagem escrita).

Para *Platão e Fiorin*, é possível tirar duas conclusões de noção de texto:

- “uma leitura não pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes é determinado pelo todo em que estão encaixadas.”
- “uma leitura, de um lado, não pode levar em conta o que não está no interior do texto e, de outro lado, deve levar em conta a relação, assinalada de uma forma ou de outra, por marcas textuais, que um texto estabelece com outros.”

Meus alunos, quero dizer o seguinte a vocês: uma frase só fará sentido no texto, o qual, por sua vez, só terá sentido no discurso. Por exemplo, em um dia de muito frio, se o interlocutor estiver em um ônibus, olhar para a janela e disser “Que frio!”, entenderemos que ele deseja que a janela seja fechada.

Outro exemplo: se, de repente, alguém grita “Fogo!”, é óbvio que, em geral, nossa primeira reação será sair correndo, o que nos permite chegar à conclusão de que a mensagem foi compreendida.

Com isso, percebemos que a situação em que se produz a linguagem e a intenção dos interlocutores, clara ou subentendida, são essenciais ao entendimento do texto.

DICAS DE LEITURA

- **Ideia-chave**

Uma boa dica de leitura de textos é dividir os parágrafos (ou partes dele), fazendo um resumo da(s) ideia(s) principal(is) apresentada(s) em cada um. É a técnica das **ideias-chave**.

- **Palavra-chave**

Outra boa estratégia de leitura é buscar as palavras mais importantes de cada parágrafo. Elas constituirão as **palavras-chave** do texto, em torno das quais as outras se organizarão e criarão um intercâmbio de significação para produzirem sentidos.

As palavras-chave representam uma **síntese temática**, contêm a ideia central do texto. Funcionam como uma chave que introduz o leitor ao assunto principal da mensagem. A correlação entre texto e título, em geral, é feita através das palavras-chave. Portanto, nem sempre é preciso saber a acepção de todas as palavras do texto para compreendê-lo.

Por adquirir tal importância na estrutura textual, as palavras-chave normalmente aparecem ao longo de todo o texto das mais variadas formas: **repetidas, modificadas, retomadas por sinônimos** etc. Elas estruturam o caminho da leitura, levando o receptor a compreender melhor o texto.

- **Inferência lexical**

A **inferência lexical** faz parte de uma série de recursos utilizados para identificar o sentido da mensagem que se deseja entender, ou seja, é um recurso que auxilia na compreensão do texto.

É um procedimento usado por nós desde “bebês”, na linguagem verbal e desde a alfabetização, na linguagem escrita. Por exemplo, um bilhete mal escrito, com partes apagadas, expressões desconhecidas ou estrangeirismos, muitas vezes não impede o entendimento da mensagem.

Do vocabulário que utilizamos hoje, apenas algumas poucas palavras procuramos no dicionário ou alguém nos disse seu significado. O conhecimento do significado da grande maioria foi através da dedução pelo contexto. As palavras adquirem um sentido peculiar, às vezes único, dependendo do contexto. Somente através do uso podemos determinar, com exatidão, o seu significado.

Quando precisamos saber o significado de uma palavra ou expressão que desconhecemos e que é fundamental para a compreensão do texto ou para respondermos a uma pergunta proposta, devemos buscar um significado que se adapte ao contexto, através das informações verbais e não-verbais que já possuímos ou pela posição na frase ou pela classe gramatical.

Além das estratégias disponíveis, podemos fazer uso da **analogia** e de **conhecimentos prévios** sobre o assunto. É preciso ter cautela, entretanto, com o que chamamos de “conhecimento prévio” ou “conhecimento de mundo”. Isso porque, muitas vezes, uma questão pode levar vocês a extrapolar, a responder não

o que está no texto, mas exatamente aquilo em que vocês acreditam ou aquilo que vocês conhecem.

- **Enunciados das perguntas**

Para compreendermos os enunciados das perguntas, devemos utilizar as mesmas estratégias de leitura que utilizamos para o texto (a busca das palavras/ideias-chaves, a dedução pelo contexto etc.).

A partir do enunciado da pergunta, decidimos o que vamos buscar no texto, se a ideia global, uma referência numérica ou uma informação específica.

Caso o enunciado mencione **tema** ou **ideia principal**, procurem a resposta nos parágrafos de **introdução** e/ou **conclusão**. É comum retomada do principal conteúdo apresentado. Se, no enunciado, o examinador mencionar **argumento**, procurem a resposta nos parágrafos de **desenvolvimento**.

Vencida essa etapa inicial, partiremos para o estudo de sua compreensão e interpretação.

COMPREENSÃO TEXTUAL

Quando mencionamos **compreensão textual**, referimo-nos ao que está escrito no texto, isto é, a compreensão baseia-se no plano do enunciado.

Erros clássicos de entendimento de textos

Em provas do CESPE/UnB, é possível que a banca induza vocês a alguns erros clássicos de **extrapolação**, **redução** ou **contradição**. Mas o que caracteriza cada um desses erros ? Vejamos:

Extrapolação – ocorre quando vamos além dos limites do texto, isto é, quando realizamos inferências sem base no texto analisado. Por exemplo, se o enunciado trouxer o período

“Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.” ,

um erro de extrapolação ocorreria se compreendêssemos que

“Todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano”.

Redução – é uma particularização indevida. Nesses casos, ao invés de sairmos do contexto, restringimos a significação de uma palavra ou passagem textual. Por exemplo, aproveitando o primeiro enunciado

“Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.” ,

haveria um erro de redução caso compreendêssemos o período acima como

“Nenhuma planta hortícola se dá bem durante todo o ano”.

Contradição – é a reescritura contrária à passagem original do texto. Tomando por base o enunciado

“Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.” ,

um erro de contradição ocorreria se entendêssemos que

“Todas as plantas hortícolas não se dão bem durante o ano todo”.

Um entendimento correto acerca do enunciado em questão seria, por exemplo:

“Algumas plantas hortícolas se dão bem durante o ano todo”.

Nas provas do CESPE/UnB, a compreensão textual é exigida da seguinte forma:

(CESPE/UnB-2010/MPU)

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas.

Estima-se que as perdas provocadas por violações das leis *antitrust* — apenas um item de uma longa lista dos principais crimes do colarinho branco — sejam maiores que todas as perdas causadas pelos crimes notificados à polícia em mais de uma década, e as relativas a danos e mortes provocadas por esse crime apresentam índices ainda maiores. A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que essas.

James William Coleman. A elite do crime. 5.ª ed., São Paulo: Manole, 2005, p. 1 (com adaptações).

10. Pela leitura do texto, conclui-se que, nos Estados Unidos da América, os efeitos anuais do tabagismo são mais danosos que os de uma década de violência urbana somados aos do uso de produtos fabricados com amianto.

Comentário: No texto acima, o autor compara as mortes causadas por “outros produtos perigosos, como o cigarro” (linha 13) e, em outro momento, as mortes provocadas “pela indústria do asbesto” (linha 10) e “por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América” (linhas 12–13). No enunciado, entretanto, a banca tentou induzir o candidato ao erro, fazendo uma comparação

entre os efeitos anuais do tabagismo e os de uma década de violência urbana somados aos do uso de produtos fabricados com amianto. Aqui, vale uma dica: nunca leiam o item sem antes ter lido o texto. Caso contrário, o examinador pode convencê-los de um argumento inválido, induzindo-os ao erro.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2009/TCU)

O exercício do poder ocorre mediante múltiplas dinâmicas, formadas por condutas de autoridade, de domínio, de comando, de liderança, de vigilância e de controle de uma pessoa sobre outra, que se comporta com dependência, subordinação, resistência ou rebeldia.

Tais dinâmicas não se reportam apenas ao caráter negativo do poder, de opressão, punição ou repressão, mas também ao seu caráter positivo, de disciplinar, controlar, adestrar, aprimorar. O poder em si não existe, não é um objeto natural. O que há são relações de poder heterogêneas e em constante transformação. O poder é, portanto, uma prática social constituída historicamente.

Na rede social, as dinâmicas de poder não têm barreiras ou fronteiras: nós as vivemos a todo momento. Consequentemente, podemos ser comandados, submetidos ou programados em um vínculo, ou podemos comandá-lo para a realização de sua tarefa, e, assim, vivermos um novo papel social, que nos faz complementar, passivamente ou não, as regras políticas da situação em que nos encontramos.

Maria da Penha Nery. Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2003, p. 108-9 (com adaptações).

11. É correto concluir, a partir da argumentação do texto, que o poder é dinâmico e que há múltiplas formas de sua realização, com faces heterogêneas, positivas ou negativas; além disso, ele afeta todos que vivem em sociedade, tanto os que a ele se submetem, quanto os que a ele resistem.

Comentário: O enunciado acima representa um resumo do texto, elaborado de acordo com as ideias presentes na superfície textual. O examinador selecionou, em cada parágrafo, as ideias mais importantes (técnica das ideias-chave), que, geralmente, são apresentadas no tópico frasal. Por exemplo, nos dois primeiros parágrafos, as principais ideias são:

“O exercício do poder ocorre mediante múltiplas dinâmicas” (linha 1); e

“Tais dinâmicas não se reportam apenas ao caráter negativo do poder, mas também ao seu caráter positivo” (linhas 4–6)

No terceiro parágrafo, a principal ideia é apresentada pelo trecho:

“Na rede social (...) podemos ser comandados, submetidos ou programados em um vínculo, ou podemos comandá-lo” (linhas 10–12).

Gabarito: Certo.

12. De acordo com a argumentação do texto, o poder “não é um objeto natural” (linhas 7-8) porque é criado artificialmente nas relações de opressão social.

Comentário: No enunciado, a justificativa apresentada pela banca – o poder “não é um objeto natural” porque é criado artificialmente nas relações de opressão social – acarreta um erro de redução, que é a valorização de apenas uma parte do contexto, deixando de lado a sua totalidade. Em outras palavras, a redução ocorre quando o autor deixa de considerar o texto como um todo para se ater apenas à parte dele. Segundo o texto, as dinâmicas que implicam o exercício do poder “não se reportam apenas ao caráter negativo do poder (...), mas também ao seu caráter positivo”.

Gabarito: Errado.

INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Interpretar um texto não é simplesmente saber o que se passava na cabeça do autor enquanto ele escrevia. É, antes de tudo, perceber a **intencionalidade** do texto, **inferir** (deduzir). Por exemplo, se eu disser

“Levei minha filha caçula ao parque.” ,

podemos inferir que tenho mais de uma filha.

Em outras palavras, inferir é retirar informações **implícitas** e **explícitas** do texto. E mais: será com essas informações que vocês resolverão as questões de interpretação na prova.

É preciso ter cuidado, entretanto, com o que chamamos de “conhecimento prévio”, “conhecimento de mundo”.

Conhecimento prévio

Conhecimento prévio (ou conhecimento de mundo) é o conhecimento acumulado do assunto abordado no texto. É aquilo que todos carregamos conosco, fruto do que aprendemos na escola, com os amigos, assistindo à televisão, enfim, vivendo.

Num contexto conhecido, a dedução de palavras é feita por **analogia** com as informações que já possuímos sobre o tema. Portanto, o conhecimento prévio do tema em questão facilita, ratificando ou ampliando o entendimento do texto.

Não basta, porém, retirar informações de um texto para responder corretamente às questões. É necessário saber de onde tirá-las. Para tanto, temos que ter conhecimento, também, da estrutura textual e por quais processos se passa um texto até seu formato final de narração, descrição, injunção ou dissertação (expositiva ou argumentativa), conforme já estudamos.

Em geral, os textos têm a seguinte estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão. Ao lê-lo, devemos procurar a coerência, a coesão, a relação entre as ideias apresentadas.

Agora, precisarei chamar a atenção de vocês para as interpretações **indutiva** e **dedutiva**.

TIPOS DE RACIOCÍNIO

Entre os vários tipos de parágrafos argumentativos, há os **indutivos** e os **dedutivos**.

Os indutivos têm como tópico frasal (frase nuclear) uma premissa (afirmativa) de caráter particular. O raciocínio é desenvolvido e a conclusão a que se chega é de caráter geral (**do particular para o geral**). É o que chamamos de **interpretação indutiva** (ou **inferência**). **Cuidado com isso, pessoal! Geralmente, essa interpretação pode induzi-los a cometerem erros.**

Exemplo:

Os médicos entrevistados declararam que seus pacientes tiveram uma boa reação ao genérico Amoxilina (*caráter particular*). Por isso, hoje, quando precisam prescrever antibiótico, ressaltam que a única diferença entre o Amoxil e o Amoxilina está no valor a pagar. Portanto, **todo genérico é tão eficiente quanto o seu correspondente de fantasia** (*caráter geral*).

É um equívoco considerável chegar à conclusão de que todo remédio genérico mantém o grau de eficiência de seu correspondente de fantasia. Ainda que partamos da premissa de que os pacientes dos médicos entrevistados tenham tido uma boa reação ao genérico Amoxilina, há o conhecimento de que somente estes pacientes apresentaram esse resultado (não sabemos a reação dos outros pacientes que não foram entrevistados). Por apresentar informações não contidas nas premissas, isto é, por extrapolar, a conclusão apresentada no exemplo é errada.

Já os parágrafos dedutivos são justamente o contrário: o tópico frasal contém afirmativa de caráter geral (**do geral para o particular**). É o que chamamos de **interpretação dedutiva**.

Exemplo:

A violência é uma característica das cidades grandes (*caráter geral*). A busca de emprego, apontam os sociólogos, é, entre outros fatores, responsável pela recepção constante de imigrantes. O mercado de trabalho no Rio de Janeiro, por exemplo, não tem como absorver tanta mão de obra. Daí há um verdadeiro efeito dominó. A falta de emprego gera a miséria que, por sua vez, gera a violência. **O Rio de Janeiro é uma das cidades mais violentas do mundo** (*caráter particular*).

Nos argumentos dedutivos, chega-se a uma conclusão que se faz presente nas premissas. Em outras palavras, a conclusão não apresenta um conhecimento novo, ou seja, não extrapola as premissas.

COERÊNCIA

O devido emprego de marcas linguísticas na superfície textual implica coesão. No entanto, esta por si só não garante a coerência, pois um texto pode ser simultaneamente coeso e contraditório. Vamos ver o exemplo a seguir:

“Talvez seja adiado o jogo entre Botafogo e Flamengo, **pois** o estado do gramado do Maracanã **não** é dos piores.”

No período acima, percebemos que há uma incoerência, uma vez que a conjunção explicativa “**pois**” e o advérbio “**não**” foram empregados incorretamente. Poderíamos reescrever, coerentemente, o excerto acima das seguintes formas:

“Talvez seja adiado o jogo entre Botafogo e Flamengo, **pois** o estado do gramado do Maracanã é dos piores.”

“Talvez seja adiado o jogo entre Botafogo e Flamengo, **pois** o estado do gramado do Maracanã não é dos melhores.”

“Talvez seja adiado o jogo entre Botafogo e Flamengo, **ainda que** o estado do gramado do Maracanã não seja dos piores.”

É importante chamar a atenção de vocês quanto à existência de textos coerentes, mas sem coesão.

Exemplo:

É pau
É pedra
É o fim do caminho
É um resto de toco
É um pouco sozinho
É um caco de vidro
É a vida, é o sol
(...)
(Tom Jobim)

Segundo as lições de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, **texto coerente** “é o resultado da articulação das ideias de um texto; é a estruturação lógico-semântica que faz com que numa situação discursiva palavras e frases componham um todo significativo para os interlocutores”.

Então, meus amigos, concluímos que **coerência é a harmonia existente entre as várias partes do texto, produzindo uma unidade de sentido.**

COESÃO

Importantíssimo fator a ser observado em um texto é coesão, isto é, a passagem harmônica de uma oração à outra, de um período para outro, de um parágrafo para outro.

A coesão estabelece elos entre as partes, garantindo a unidade do todo. Essas relações lógicas entre os enunciados e os parágrafos são explicitadas através de marcas linguísticas, que são os mecanismos de coesão, os nexos oracionais, articuladores textuais (conjunções, pronomes, preposições, artigos, advérbios etc.).

Principais mecanismos de coesão textual

Coesão referencial – um elemento sequencial do texto se refere a um termo da mesma superfície textual.

Exemplos:

“A **mulher** foi passear na *capital*. Dias depois o marido **dela** recebeu um telegrama: Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. *Aqui* está chovendo sem parar.

E ele respondeu:

Regresse. Aqui chove mais barato.”

(Ziraldo. In: *As Anedotas do Pasquim*)

No exemplo acima, temos que:

- o pronome **ela** – em “dela” – (linha 1) tem como referente o substantivo **mulher** (linha 1);
- o pronome ele (linha 4) tem como referente a palavra marido (linha 1);
- o advérbio *aqui* (linha 2) refere-se à *capital* (linha 1).

“Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos **cabelos**, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente (...)”

(Machado de Assis. In: *Dom Casmurro*)

No excerto acima, verificamos que:

- o pronome oblíquo -**os** (“colhi-os”) refere-se a **cabelos**;
- a forma pronominal -**los** (“alisá-los”) também se refere a **cabelos**.

É importante chamar a atenção de vocês para a existência de dois tipos de coesão referencial: a **exofórica** e a **endofórica**.

- **Exofórica** (ou **dêitica**): ocorre quando o referente está fora da superfície textual, ou seja, faz parte da situação comunicativa (extratextual).

Exemplos:

Porque será que **ele** não chegou ainda? (**ele** = a pessoa de quem se fala)

Lá é muito quente. (**Lá** = lugar a que a pessoa se referiu)

- **Endofórica**: ocorre quando o referente se encontra expresso no texto (intratextual).

Exemplos:

João disse que estava a caminho. Por que será que **ele** não chegou ainda? (**ele** refere-se a João)

Nas férias, viajei para Mato Grosso do Sul. **Lá** é muito quente. (**Lá** refere-se a Mato Grosso do Sul)

A coesão endofórica, por sua vez, subdivide-se em **anafórica** e **catafórica**.

- **Anafórica**: o termo refere-se a um elemento anteriormente mencionado no texto.

Exemplo:

Vasco e São Paulo: **esses** são os melhores times do campeonato brasileiro.

No exemplo acima, o pronome **esses** retoma os termos Vasco e São Paulo.

- **Catafórica**: o termo refere-se a um elemento que ainda não foi mencionado no texto.

Exemplo:

Estes são os melhores times do campeonato brasileiro: Vasco e São Paulo.

Neste exemplo, o pronome **estes** refere-se aos termos Vasco e São Paulo, que ainda não haviam sido citados no texto.

Dica estratégica!

Para estabelecer a diferença entre dois elementos anteriormente citados, emprega-se **este(s)**, **esta(s)** e **isto**, em relação ao que foi mencionado por último, e **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**, em relação ao que foi nomeado em primeiro lugar.

Exemplo:

José de Alencar e Machado de Assis são importantes escritores brasileiros; este escreveu Dom Casmurro; **aquele**, Iracema.

Coesão sequencial – é o emprego de elementos coesivos (preposições, locuções prepositivas, conjunções, locuções conjuntivas, articuladores sintáticos, ou seja, conectivos) que permitem o encadeamento e, por consequência, a evolução do texto. Difere da coesão referencial, pois não se trata de referências a elementos intratextuais ou extratextuais.

Exemplos:

Embora tivesse estudado pouco, passou no concurso. (o conectivo **embora** estabelece uma relação de concessão)

Não posso atendê-lo, **visto que** suas pretensões são descabidas. (o conectivo **visto que** apresenta uma relação de causa)

O importante não é decorar os conectivos, e sim perceber a relação entre as orações, o contexto. Vejam:

VALOR DE ...	EXEMPLO
➤ MAS	
• Adversidade	Estudou pouco, mas foi aprovado.
• Adição (seguido de também).	Não só estuda, mas também trabalha.
➤ E	
• Adversidade	Estudou pouco, e foi aprovado.
• Adição	Acordou e estudou.
• Consequência	Os estudos foram intensos e o aluno ficou bem preparado.
➤ POIS	
• Conclusão (<u>após</u> o verbo). Equivale a portanto, logo	É estudioso; conseguirá, pois , a aprovação.
• Explicação (<u>antes</u> do verbo)	Era muito estudioso, pois passou na prova.
• Causa	Estava animado pois passou no concurso.
➤ PORQUE	
• Explicação (equivale a pois). O verbo da oração principal aparecerá no imperativo .	Estude, porque será aprovado.

VALOR DE ...	EXEMPLO
➤ PORQUE	
• Causa	Passei porque gabaritei a prova.
• Finalidade (equivale a para que)	Dedicou-se porque a aprovação fosse breve.
➤ UMA VEZ QUE	
• Causa (equivale a já que)	Estava animado uma vez que passou no concurso.
• Condição (equivale a desde que)	Uma vez que estude mais, será aprovado.
➤ SE	
• Condição (equivale a caso)	Explicarei a questão, se for sua dúvida.
➤ DESDE QUE	
• Condição (equivale a caso, se)	Será aprovado, desde que estude mais.
• Tempo (equivale a quando)	Ficou tranquilo desde que soube o resultado do concurso.
➤ SEM QUE	
• Condição (equivale a caso não)	Sem que estudem, não passarão.
• Concessão	Sem que estudasse muito, passou.
• Modo	Fez a prova sem que estudasse.
➤ COMO	
• Adição Aparece na correlação “ não só ... como também ”.	Não só estuda como também trabalha.
• Causa (quando estiver antecipada na frase.). Equivale a já que .	Como estudou muito, gabaritou a prova.
• Comparação	Ele sempre estudou como o avô. (= Ele sempre estudou como o avô <i>estudou.</i>)

VALOR DE ...	EXEMPLO
➤ COMO	
• Conformação	Estudou como o pai mandou. (= Estudou conforme o pai mandou.)
➤ QUANTO	
• Adição	Ele tanto estuda quanto trabalha. (= Ele estuda e trabalha.)
• Comparação Aparece na correlação “tão...quanto”.	O filho é tão estudioso quanto o pai. (= O filho é tão estudioso quanto o pai é.)

Vamos ver como o assunto foi cobrado pelo CESPE/UnB:

(CESPE/UnB-2009/TCU)

Um governo, ou uma sociedade, nos tempos modernos, está vinculado a um pressuposto que se apresenta como novo em face da Idade Antiga e Média, a saber: a própria ideia de democracia. Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação.

Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos — e, muitas vezes, conflitantes, como os direitos liberais de liberdade, de opinião, de reunião, de associação etc. —, tendo como pressupostos informativos um núcleo de direitos invioláveis, conquistados, principalmente, desde o início da Idade Moderna, e ampliados pelo Constitucionalismo Social do século XX até os dias de hoje. Fala-se, por certo, dos Direitos Humanos e Fundamentais de todas as gerações ou ciclos possíveis.

Rogério Gesta Leal. Poder político, estado e sociedade. Internet: <www.mundojuridico.adv.br> (com adaptações).

13. Na organização da argumentação, o segundo parágrafo do texto estabelece a condição de o debate e a reflexão sobre os direitos humanos vinculados aos interesses coletivos estarem na base da ideia de democracia.

Comentário: No início do parágrafo, a expressão “Para que isso ocorra” denota uma condição para a “existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público”. Além disso, o autor do texto frisa a importância da eficácia dos instrumentos de reflexão e do debate público para que haja um governo democrático.

Gabarito: Certo.

14. O desenvolvimento das ideias demonstra que, na linha 3, a flexão de singular em “deve” estabelece relações de coesão e de concordância gramatical com o termo “democracia”.

Comentário: A forma verbal “deve” mantém relação de coesão e concordância com o vocábulo “governo” (linha 1).

Gabarito: Errado.

15. O pronome “isso” (linha 8) exerce, na organização dos argumentos do texto, a função coesiva de retomar e resumir o fato de que as “demandas públicas da maior parte da população” (linha 6) são escolhidas por meio de “formas de participação/representação” (linha 7).

Comentário: O pronome “isso” é empregado para fazer referência anafórica, ou seja, referir-se a algo que já foi citado na superfície textual. No texto, esse pronome se refere à noção de “governo democrático”.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2009/TCU)

O exercício do poder ocorre mediante múltiplas dinâmicas, formadas por condutas de autoridade, de domínio, de comando, de liderança, de vigilância e de controle de uma pessoa sobre outra, que se comporta com dependência, subordinação, resistência ou rebeldia. (...)

Maria da Penha Nery. Vínculo e afetividade: caminhos das relações

16. Nas relações de coesão que se estabelecem no texto, o pronome “que” (linha 3) retoma a expressão “exercício do poder” (linha 1).

Comentário: No texto, o pronome relativo “que” retoma o vocábulo “outra”, ou seja, a pessoa controlada:

“...controle de uma pessoa sobre outra, **que** se comporta com dependência...”

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que, nos próximos quatro anos, os investimentos na indústria brasileira chegarão a R\$ 500 bilhões, um valor 60% maior do que os R\$ 311 bilhões investidos entre 2005 e 2008 (o banco não incluiu 2009, pois ainda não dispõe de dados consolidados do ano passado).

O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo, como a indústria naval e a de fabricação de plataformas. Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia.

Mas o BNDES prevê também fortes investimentos em setores voltados para atender à demanda interna, entre os quais o automobilístico.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

17. O termo “como” (linha 8) estabelece, no período em que foi empregado, uma relação de comparação entre a “cadeia econômica ligada ao óleo” (linhas 7-8) e “a indústria naval e a de fabricação de plataformas” (linha 8).

Comentário: Conforme vimos, não devemos decorar os conectivos, e sim perceber a relação entre as orações. No texto, o conectivo “como” não foi empregado para comparar, e sim para exemplificar o argumento “O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo”.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2010/MPU)

As projeções sobre a economia para os próximos dez anos são alentadoras. Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza. Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.

Tais previsões baseiam-se na hipótese de que o país vai superar eventuais obstáculos que impediriam a economia de crescer a ritmo continuado de 5% ao ano, em média. Para realizar essas projeções, o Brasil precisa aumentar a sua capacidade de poupança doméstica e investir mais para ampliar a oferta e se tornar competitivo.

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.

O Globo, Editorial, 12/7/2010 (com adaptações).

18. Depreende-se da leitura do texto que o Brasil, em uma década, será membro do grupo dos países ricos.

Comentário: O enunciado apresenta um erro de extrapolação, pois não se pode afirmar, categoricamente, com toda certeza, que o Brasil será membro do grupo dos países ricos, tanto que, no texto, é expressa uma possibilidade, baseada em previsões:

“Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza.”;

“Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.”

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que, nos próximos quatro anos, os investimentos na indústria brasileira chegarão a R\$ 500 bilhões, um valor 60% maior do que os R\$ 311 bilhões investidos entre 2005 e 2008 (o banco não incluiu 2009, pois ainda não dispõe de dados consolidados do ano passado).

O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo, como a indústria naval e a de fabricação de plataformas. Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia.

Mas o BNDES prevê também fortes investimentos em setores voltados para atender à demanda interna, entre os quais o automobilístico.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

19. Infere-se das informações do texto que o investimento na exploração de combustíveis fósseis e na cadeia econômica associada a essa atividade influencia o desenvolvimento de outras áreas da economia.

Comentário: Haja vista o emprego do verbo “estimular” (linha 9), é correto inferir que o investimento na exploração de combustíveis fósseis e na cadeia econômica associada a essa atividade influencia o desenvolvimento de outras áreas da economia:

“Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia.”

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2010/BASA)

A discussão acerca da influência do pensamento econômico na teoria moderna é aparentemente uma discussão metateórica, ou seja, de caráter metodológico. Mas, na ciência econômica, como de resto nas ciências sociais em geral, não há consenso sobre a forma de evolução dos paradigmas.

Contrariamente ao que, em regra, acontece no mundo das ciências naturais, há aqui dúvidas a respeito de se o conhecimento mais recente é necessariamente o melhor, o mais verdadeiro, ou seja, aquele que incorporou produtivamente os desenvolvimentos teóricos até então existentes, tendo deixado de lado aqueles que não se mostraram adequados a seu objeto.

(...)

Leda Maria Paulani. Internet: <www.fipe.org.br> (com adaptações).

20. Infere-se do texto que o conhecimento recente da área econômica pode não ser, necessariamente, o que incorporou as melhores facetas do conhecimento historicamente desenvolvido.

Comentário: É correto inferir a possibilidade de o conhecimento recente da área econômica não ser o que incorporou as melhores facetas do conhecimento historicamente desenvolvido. Essa inferência pode ser confirmada pela passagem “há aqui dúvidas a respeito de se o conhecimento mais recente é necessariamente o melhor, o mais verdadeiro, ou seja, aquele que incorporou produtivamente os desenvolvimentos teóricos até então existentes (...)”.

Gabarito: Certo.

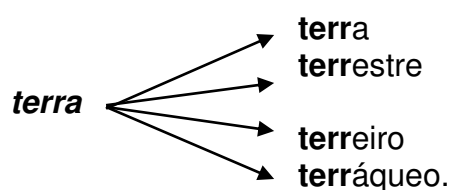
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A análise de textos pode ser influenciada pelas relações lexicais, as quais serão mostradas a seguir.

Campo Semântico

É possível que as palavras se associem de diversas maneiras. Uma dessas associações ocorre quando os vocábulos apresentam o mesmo radical – palavras pertencentes à mesma família, chamadas **cognatas** –, isto é, pertencem ao mesmo **campo semântico**.

Exemplo:



Entretanto, não é necessário que as palavras possuam o mesmo radical para pertencerem ao mesmo campo semântico. É possível que os vocábulos se relacionem pelo **sentido** em um determinado contexto.

Exemplo:

João Camilo dirigia-se à casa de Maria Odete. No meio do percurso, ouviu um **trovão**. De repente, o céu ficou escuro; viu um **relâmpago**. Começou a **chuva** e João teve de voltar a casa.

No contexto acima, os vocábulos “**trovão**”, “**relâmpago**” e “**chuva**”, ainda que não possuam o mesmo radical, aproximam-se pelo sentido, ou seja, pertencem ao mesmo **campo semântico**.

HOMONÍMIA

Homônimos – são palavras que, embora tenham significados diferentes, têm a mesma estrutura fonológica. Tripartem-se em:

- **Homônimos homóFONOS** – mesmo som (pronúncia) e grafias diferentes.

Exemplos:

coser (costurar) / cozer (cozinhar);

expiar (pagar a culpa) / espiar (observar secretamente);

cela (quarto de dormir) / sela (peça de couro posta sobre o lombo da cavalcadura);

- **Homônimos homóGRAFOS** – mesma grafia (escrita) e pronúncias diferentes.

Exemplos:

colher (verbo) / colher (substantivo);

sede /é/ (lugar principal) / sede /ê/ (secura, necessidade de ingerir líquido).

- **Homônimos perfeitos** - pronúncia e grafia iguais.

Exemplos:

são (verbo “ser”) / são (adjetivo = sadio).

Os alunos do *Estratégia Concursos* **são** demais! (verbo “ser”)

Mente sã no corpo **são**. (adjetivo = sadio)

cedo (advérbio de tempo) / cedo (verbo “ceder”).

Chegarei **cedo** ao local de prova. (advérbio de tempo)

Neste instante, eu **cedo** o apartamento para vocês. (verbo “ceder”)



É importante diferenciar os **homônimos perfeitos** das palavras **polissêmicas**.

Homônimos perfeitos são nomes que têm **mesma grafia e pronúncia**, mas que **pertencem a classes gramaticais distintas**. Por sua vez, termos polissêmicos são vocábulos que apresentam uma só forma com mais de um significado, pertencendo à mesma classe gramatical.

Exemplos:

Os alunos do *Estratégia Concursos* **são** demais! (verbo “ser”)
Mente sã no corpo **são**. (adjetivo = sadio)

Nos exemplos acima, houve alteração da classe gramatical. Logo, temos **homônimos perfeitos**.

O **cabo** obedeceu às ordens dos superiores. (cabo = patente militar → substantivo)
A cozinheira pegou a faca pelo **cabo**. (cabo = parte do instrumento → substantivo)

Nos exemplos acima, **não** houve alteração da classe gramatical. Logo, temos vocábulos **polissêmicos**.

PARONÍMINA

Parônimos – é a relação entre palavras que são parecidas, mas que possuem significados diferentes.

Exemplos:

Ascender: subir, elevar-se.

Acender: atear fogo, abrasar.

Acento: inflexão de voz, sinal gráfico.

Assento: base, cadeira, apoio; registro, apontamento.

Acerca de: a respeito de, sobre.

A cerca de: a uma distância aproximada de.

Há cerca de: faz aproximadamente, existe(m) perto de.

Acerto: estado de acertar; precisão, segurança; ajuste.

Asserto: afirmação, asserção.

Afim: parente por afinidade; semelhante, análogo.

A fim (de): para (locução conjuntiva final).

Amoral: indiferente à moral, que não se preocupa com a moral.

Imoral: contrário à moral, indecente.

Ao encontro de: para junto de, favorável a.

De encontro a: contra, em prejuízo de.

Ao invés de: ao contrário de.

Em vez de: em lugar de.

A par: ciente, ao lado, junto.

Ao par: de acordo com a convenção legal; equivalência.

Apreçar: marcar o preço de, avaliar, ajustar.

Apressar: acelerar, dar pressa a, instigar.

Arrear: pôr arreios a; aparelhar.

Arriar: abaixar, descer, inutilizar, desaminar.

Arrochar: apertar muito.

Arroxar: tornar roxo.

Âs: pessoa notável em sua especialidade; carta de jogo.

Az: esquadrão, ala do exército, fileira.

Asado: que tem asas, alado.

Azado: oportuno, propício.

Avocar: atrair, atribuir-se, chamar.

Evocar: trazer à lembrança.

Caçar: perseguir, apanhar.

Cassar: anular, suspender.

Cavaleiro: homem a cavalo.

Cavalheiro: homem gentil, de boas maneiras e ações.

Cela: aposento de religiosos, cubículo.

Sela: arreio de cavalgadura.

Censo: recenseamento, contagem.

Senso: juízo, discernimento.

Cerrar: fechar, apertar, encerrar.

Serrar: cortar, separar.

Cessão: ato de ceder, cedência.

Seção ou secção: setor, corte, subdivisão, parte de um todo.

Sessão: espaço de tempo em que se realiza uma reunião; reunião.

Cheque: ordem de pagamento.

Xeque: chefe árabe; lance de xadrez; perigo.

Comprimento: extensão, tamanho, distância.

Cumprimento: saudação, ato de cumprir.

Concertar: combinar, harmonizar, arranjar.

Consertar: remendar, restaurar.

Conjetura: suposição, hipótese.

Conjuntura: oportunidade, momento, ensejo, situação.

Coser: costurar.

Cozer: cozinhar.

Deferir: atender, conceder, anuir.

Diferir: divergir; adiar, retardar, dilatar.

Delatar: denunciar, acusar.

Dilatar: adiar, prorrogar.

Descrição: ato de descrever; explanação.

Discrição: moderação, reserva, recato, modéstia.

Depensa: depósito de mantimentos.

Dispensa: escusa, licença, demissão.

Despercebido: não visto, não notado, ignorado.

Desapercebido: desprevenido, desguarnecido, desprovido.

Destratar: ofender, insultar.

Distratar: desfazer um trato ou contrato.

Emergir: vir à tona, aparecer.

Imergir: mergulhar, penetrar, afundar.

Eminente: alto, elevado; sublime, célebre.

Iminente: imediato, próximo, prestes a acontecer.

Emigrar: sair da pátria.

Imigrar: entrar (em país estrangeiro) para viver nele.

Esbaforido: cansado, ofegante.

Espavorido: apavorado, espantado.

Espectador: testemunha, assistente.

Expectador: aquele que tem expectativa, esperançoso.

Esperto: fino, inteligente, atilado, ativo.

Experto: perito, experiente.

Espiar: espreitar, olhar.

Expiar: pagar, resgatar (crime, falta, pecado).

Estada: permanência, demora de uma pessoa em algum lugar.

Estadia: permanência paga do navio no porto para carga e descarga. Aplica-se a veículos.

Estância: morada, mansão.

Instância: pedido urgente e repetido; jurisdição, foro.

Estrato: nuvem; camada.

Extrato: perfume, loção; resumo.

Flagrante: evidente, manifesto.

Fragrante: aromático, perfumoso.

Incerto: duvidoso, indeciso, não certo.

Inserto: inserido, incluído.

Incipiente: principiante, iniciante.

Insipiente: ignorante.

Indefeso: desarmado, fraco.

Indefesso: incansável, infatigável.

Infligir: aplicar (pena, castigo, multa, etc.).

Infringir: transgredir, desrespeitar, desobedecer.

Laço: laçada; traição, engano.

Lasso: fatigado, cansado, frouxo.

Mandado: ato de mandar.

Mandato: autorização que se confere a outrem, delegação.

Paço: palácio, palácio do governo; a corte.

Passo: ato de andar, caminho, marcha; episódio.

Preceder: anteceder, vir antes.

Proceder: descender, prover, originar-se; comportar-se. realizar; caber, ter fundamento.

Presar: capturar, apresar, agarrar.

Prezar: estimar muito, amar, respeitar, acatar.

Prescrever: determinar, preceituar, ordenar, receitar.

Proscrever: condenar a degredo, desterrar; proibir, abolir, suprimir.

Ratificar: validar, confirmar autenticamente.

Retificar: corrigir, emendar.

Ruço: pardacento; desbotado; grisalho.

Russo: referente à Rússia; natural ou habitante da Rússia; língua da Rússia.

Sortir: abastecer, prover.

Surtir: ter como resultado, produzir efeito.

Tacha: pequeno prego; mancha, nódoa.

Taxa: preço ou quantia que se estipula como compensação de certo serviço; razão do juro.

Tachar: pôr prego em; notar defeito em, censurar, criticar, acusar.

Taxar: regular o preço; lançar imposto sobre; moderar, regular.

Vultoso: grande, volumoso.

Vultuoso: vermelho e inchado (diz-se do rosto).

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Denotação - é o emprego da palavra em seu sentido usual, dicionarizado.

Exemplo: João comprou uma flor para Maria.

Conotação - é o sentido que a palavra assume em determinado contexto, ou seja, é o emprego da palavra em sentido figurado.

Exemplo: Maria, namorada de João, é uma flor.

Dica estratégica!

A conotação constitui a base da linguagem figurada. No exemplo acima, temos uma **metáfora**: Maria, namorada de João, é (como) uma flor.

SINONÍMIA

Sinonímia – as palavras são sinônimas quando apresentam significados semelhantes em determinado contexto.

Exemplo:

O comprimento da sala é de quinze metros.

A extensão da sala é de quinze metros.

Nos exemplos acima, os vocábulo “comprimento” e “extensão” têm o mesmo significado. Portanto, apresentam relação sinonímica.

Também é importante chamar a atenção de vocês para a existência de frases sinônimas.

Exemplo:

Mal ele saiu, todos chegaram.

Assim que ele saiu, todos chegaram.

Nos exemplos acima, a conjunção “Mal” apresenta valor temporal. A mesma noção é apresentada na expressão “Assim que”. Como não houve alteração de sentido entre as frases, estas são sinônimas.

Existem, também, os **sinônimos circunstanciais**, que são adequados em determinado contexto.

Exemplo: José Sarney desembarcou hoje em Brasília. Chegando ao Senado, o presidente fez seu pronunciamento.

ANTONÍMIA

Antonímia – são palavras que apresentam sentido contrário, oposto.

Exemplo: É um menino corajoso. / É um menino medroso.

Vamos ver como o assunto foi cobrado pelo CESPE/UnB:

(CESPE/UnB-2009/DETRAN-DF)

(...) Tendo como principal propósito a interligação das distantes e isoladas províncias com vistas à constituição de uma nação-Estado verdadeiramente unificada, esses pioneiros da promoção dos transportes no país explicitavam firmemente a sua crença de que o crescimento era enormemente inibido pela ausência de um sistema nacional de comunicações e de que o desenvolvimento dos transportes constituía um fator crucial para o alargamento da base econômica do país. (...)

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.gov.br> (com adaptações).

21. A palavra “crucial” (linha 6) está sendo empregada com o sentido de árduo, difícil.

Comentário: Sempre que o examinador perguntar o significado de uma palavra, recorram ao texto. Isso porque o vocábulo pode assumir diferentes conotações de acordo com o contexto em que estiver inserido. No contexto em que se apresenta, o adjetivo “crucial” denota a **importância** “para o alargamento da base econômica do país”.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2009/Instituto Rio Branco)

O protocolo de adesão, assinado em julho de 2006, ainda precisa ser aprovado pelo Senado para entrar em vigor. Os congressos do Uruguai, da Argentina e da própria Venezuela já votaram pela entrada do país no MERCOSUL. Apenas o Paraguai e o Brasil ainda não cancelaram o acordo. (...)

Maria Clara Cabral. Folha de S.Paulo, 18/12/2008.

22. A palavra “cancelaram” (linha 4) está sendo empregada com o sentido de sancionaram.

Comentário: Volto a frisar: sempre que o examinador perguntar o significado de uma palavra, recorram ao texto. Isso porque o vocábulo pode assumir diferentes conotações de acordo com o contexto em que estiver inserido. No contexto em que se apresenta, a forma verbal “cancelaram” contém o significado de “sancionar”, “confirmar”.

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2009/Instituto Rio Branco)

A diferença na linguagem

“Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos, mas não para os ouvidos.” Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente homogêneo.

Bento Prado Jr. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto acima, julgue os itens a seguir.

23. A palavra “acentos” (linha 2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que “acento” (linha 5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

Comentário: Como o próprio enunciado mencionou, na primeira ocorrência, a palavra “acentos” refere-se a “sinais gráficos”, enquanto que, na segunda, refere-se ao significado de “inflexão de voz”.

Gabarito: Certo.

24. O uso recorrente de vocábulos pertencentes aos campos semânticos da visão e da audição prejudica a coerência e a coesão do texto.

Comentário: Conforme vimos, ainda que as palavras não apresentem o mesmo radical, poderão relacionar-se pelo sentido. Por essa razão, os vocábulos “visão” e “audição” pertencem ao mesmo campo semântico, sem prejuízo para a coesão e a coerência do texto.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

O FMI e o controle de capitais

1 O Fundo Monetário Internacional (FMI) acaba de
entregar ao público em geral dois documentos sobre o controle
de capitais. Os textos não escondem o seu caráter de
4 compromisso, diante das desavenças entre os representantes
dos emergentes e dos desenvolvidos. Mas, como de hábito, os
economistas do Fundo não conseguem esconder sua hesitação
7 (temor?) em avaliar o papel e a responsabilidade dos mercados
financeiros internacionalizados e mal regulados na alternância
cíclica que afetou e vem afetando os emergentes submetidos
10 aos humores e idiossincrasias dos capitais nervosos.

A despeito da sucessão de crises financeiras e
cambiais que se abateram nos últimos 30 anos sobre os ex-
13 periféricos (agora emergentes), a turma do Fundo Monetário
continua a acreditar na fábula dos mercados eficientes. Lá pelas
tantas escrevem que “a integração financeira é
16 fundamentalmente benéfica para os mercados emergentes, na
medida em que elimina as restrições ao investimento produtivo,
impulsiona a diversificação do risco, promove as decisões
19 intertemporais e contribui para o desenvolvimento dos
mercados financeiros”.

Nada de novo: a controvérsia sobre a efetividade dos
22 controles de capitais, tão acerba quanto monótona, termina
indefectivelmente com a vitória da turma da bufunfa, aqueles
que se refestelam na arbitragem com o diferencial de juros
25 entre os países e engordam seus cabedais sob o patrocínio de
capitais voláteis. Neste momento, as instituições financeiras
salvas de suas próprias imprudências e abarrotadas de liquidez,
28 ademais aborrecidas com o baixo rendimento dos
investimentos domésticos, estão a fomentar novas bolhas
mundo afora.

Luiz Gonzaga Belluzzo. O FMI e o controle de capitais.
In: Carta Capital, ano XVI, n.º 641, 13/4/2011, p. 39.

Com relação ao uso de vocábulos e expressões do texto acima, julgue o item a seguir.

25. Caracterizam vocabulário técnico da área de economia, em que se situa a temática do texto, os seguintes vocábulos: “mercados” (L.7), “liquidez” (L.27), “rendimento” (L.28) e “investimentos” (L.29).

Comentário: Segundo o dicionário Aurélio, os vocábulos “mercados”, “liquidez”, “rendimento” e “investimento” possuem os seguintes significados:

- **Mercado:** Econ. Conjunto de atividades de compra e venda de determinado bem ou serviço, em certa região; comércio.
- **Liquidez:** Econ. Facilidade com que um bem ou título pode ser convertido em dinheiro.
- **Rendimento:** Econ. Produto de uma aplicação financeira; eficiência produtiva; produtividade.
- **Investimentos:** Econ. Aplicação de dinheiro (em títulos, ações, imóveis, etc.), com o propósito de obter ganho; dispêndio destinado a aumento de capacidade produtiva.

Essas acepções se enquadram no contexto em que as palavras acima foram empregadas.

Gabarito: Certo.

REESCRITURA DE FRASES E PARÁGRAFOS DO TEXTO (PARÁFRASE) E SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRAS OU DE TRECHOS DE TEXTO

No edital do CESPE/UnB, a paráfrase é chamada de reescritura de frases e parágrafos do texto.

Mas o que é paráfrase? Por paráfrase entende-se a forma de reprodução de um texto **sem alteração de sentido original**. Trocando em miúdos, **parafrasear é transmitir a mesma mensagem com outras palavras**.

Por exemplo, se eu disser que **“A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.”**, seriam possíveis as seguintes reescrituras:

Qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet, no mundo todo,

No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.

A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.

Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.

As frases acima mantêm o sentido original do enunciado. Portanto, são **paráfrases**.

Entretanto, uma construção que não representa uma paráfrase do enunciado original é **“A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet”**. Vejam que, no período, o agente da ação verbal passa a ser “A mente de Deus”. Entretanto, na ideia original, “a mente de Deus” é paciente, ou seja, sofre a ação de “ser acessada”.

Percebemos, assim, que é possível parafrasear um texto de várias maneiras. Contudo, apresentaremos as formas mais recorrentes na banca CESPE/UnB. Vejam:

1) Emprego de sinônimos, hipônimos e hiperônimos

Exemplos:

Saldamos todas as dívidas.

Quitamos todas as dívidas

Vejam que, na reescritura (paráfrase), a forma verbal “quitamos” é sinônima de “saldamos”. Logo, o sentido original do período foi mantido.

O aluno foi à faculdade dirigindo o **carro**.

O aluno foi à faculdade dirigindo o **veículo**.

Na reescritura do exemplo acima, o hiperônimo “**veículo**” (termo genérico) exerce coesão referencial com o termo “**carro**” (termo específico), de forma que o texto fique mais coeso. Temos, novamente, uma paráfrase.

Falamos **sobre** futebol.

Falamos **acerca de** futebol.

2) Utilização de antônimos, com reforço de um vocábulo negativo.

Exemplo: Aquele rapaz é **imprudente**.

Aquele rapaz **não é cauteloso**.

Vejam que, apesar de as palavras serem diferentes, a ideia do segundo período é a mesma apresentada no enunciado original. Logo, temos uma paráfrase.

3) Transposição de discurso (do direto para o indireto e vice-versa).

A transposição de discurso é uma forma de parafrasear o texto. Para usar esse recurso, é preciso conhecer as regras.

Exemplos:

Discurso Direto	Discurso Indireto
<p>Enunciado em 1ª ou 2ª pessoa. Ex.: “O aluno disse: - Irei à escola.”</p> <p>Verbo no presente do indicativo. Ex.: “O aluno disse: - Sou estudioso.”</p> <p>Verbo no pretérito perfeito do indicativo. Ex.: “O aluno disse: - Estudei ontem.”</p> <p>Verbo no futuro do presente. Ex.: “O aluno disse: - Estudarei muito.”</p> <p>Verbo no imperativo, presente do subjuntivo ou futuro do subjuntivo. Ex.: “-Não faça escândalo - disse o aluno.”</p> <p>Oração justaposta. Ex.: “O aluno disse: - A prova está fácil.”</p>	<p>Enunciado em 3ª pessoa. Ex.: “O aluno disse que iria à escola.”</p> <p>Verbo no pretérito imperfeito do indicativo. Ex.: “O aluno disse que era estudioso.”</p> <p>Verbo no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Ex.: “O aluno disse que estudara ontem.”</p> <p>Verbo no futuro do pretérito. Ex.: “O aluno disse que estudaria muito.”</p> <p>Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo. Ex.: “O aluno disse que não fizesse escândalo.”</p> <p>Oração com conjunção. Ex.: “O aluno disse que a prova estava fácil.”</p>
<p>Oração interrogativa direta. Ex.: “O aluno perguntou: - Lá é bom?”</p> <p>Pronomes demonstrativos de 1ª (este, esta, isto) ou 2ª (esse, essa, isso) pessoas. Ex.: “O aluno disse: - Esta é a prova.”</p> <p>Advérbios de lugar aqui e cá. Ex.: “O aluno disse: Aqui está a prova.”</p> <p>Presença de vocativo. Ex.: Você vai aplicar a prova, professor? – perguntou o aluno.</p>	<p>Oração interrogativa indireta (forma declarativa). Ex.: “O aluno perguntou se lá era bom.”</p> <p>Pronome demonstrativo de 3ª pessoa (aquele, aquela, aquilo). Ex.: “O aluno disse que aquela era a prova.”</p> <p>Advérbio de lugar ali e lá. Ex.: “O aluno disse que ali estava a prova.”</p> <p>Presença de objeto indireto na oração principal. Ex.: O aluno perguntou ao professor se ele aplicaria a prova.</p>

4) Emprego de elementos anafóricos.

Exemplos:

José de Alencar e Machado de Assis são importantes escritores brasileiros; Machado de Assis escreveu Dom Casmurro; **José de Alencar**, Iracema.

José de Alencar e **Machado de Assis** são importantes escritores brasileiros; este escreveu Dom Casmurro; **aquele**, Iracema.

Os pronomes “este” e “aquele” substituem, respectivamente, os substantivos próprios “Machado de Assis” e “José de Alencar”. São elementos anafóricos, ou seja, retomam termos mencionados anteriormente na superfície textual.

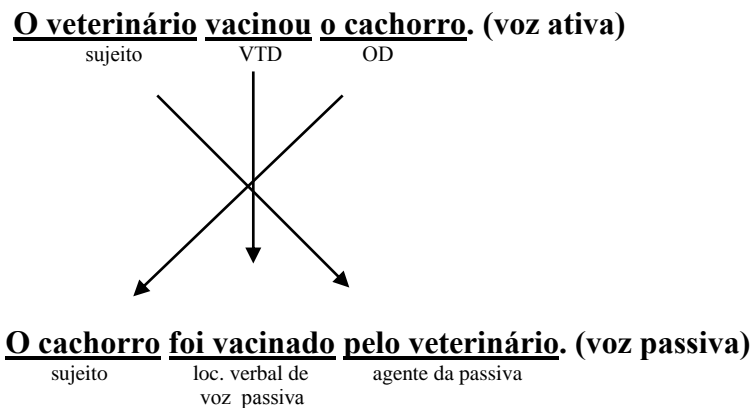
5) Transposição de voz verbal.

Exemplos:

➤ **Da ativa para passiva analítica:**

- 1º) o *objeto direto* da ativa torna-se *sujeito* da passiva;
- 2º) o tempo verbal da voz ativa permanece *inalterado* na voz passiva;
- 3º) o *sujeito* da ativa torna-se *agente da passiva*.

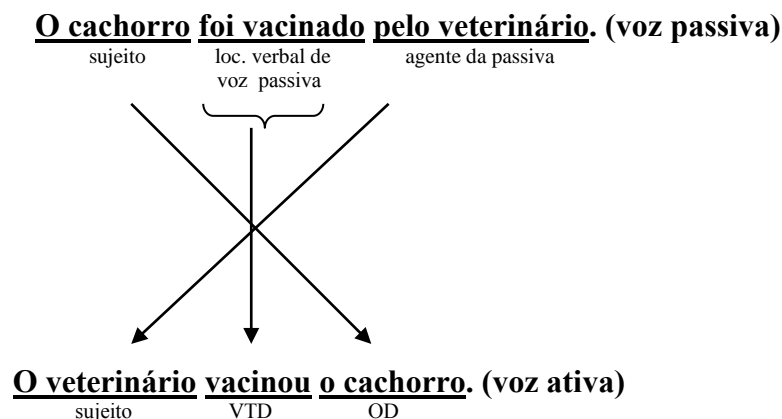
Vejam a transposição:



➤ **Da passiva analítica para a ativa:**

- 1º) o *agente da passiva* torna-se *sujeito* da ativa;
- 2º) o tempo verbal da voz passiva permanece *inalterado* na voz ativa;
- 3º) o *sujeito* da passiva torna-se *objeto direto* da ativa.

Vejam a transposição:



➤ **Da ativa para a voz passiva sintética (e vice-versa):**

Casas **são vendidas**.

Vendem-se casas.

Dão-se aulas de português.

Aulas de português **são dadas**.

6) Omissão de elementos.

Exemplo:

Bebida mata; velocidade também **mata**.

Bebida mata; velocidade, também.

No exemplo acima, houve a elipse (omissão) do verbo “matar”.

Desejamos um ano novo melhor e mais interessante.

Desejamos um ano novo melhor, mais interessante.

No segundo exemplo, houve a omissão do conectivo “e”.

7) Nominalização (ou substantivação).

Exemplo:

Elegeram a presidente Dilma em 2010.

A **eleição** da presidente Dilma ocorreu em 2010.

8) Inversão da ordem dos termos.

Exemplos:

A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, bem como a internet.

Aquele rapaz deu flores à namorada **ontem**.

Aquele rapaz, **ontem**, deu flores à namorada.

Ontem, aquele rapaz deu flores à namorada.

Conforme vimos acima, para que haja a inversão da ordem do período, a pontuação é fundamental.



A seguir, vejam que os recursos de pontuação podem modificar o sentido de um período.

Exemplo:

O menino **inquieto** fazia muitas travessuras.

O menino, **inquieto**, fazia muitas travessuras.

Na primeira oração, o adjetivo “inquieto” indica uma característica que era permanente no menino. Porém, na segunda, a intercalação entre vírgulas indica que a inquietude do menino era momentânea. Logo, **não** se trata de uma paráfrase.

A inversão da ordem de palavras dentro da frase também pode acarretar mudança de sentido. Nesses casos, também não haverá paráfrase. Vejam:

João é um **alto funcionário**. (= funcionário graduado, de alto escalão).

João é um **funcionário alto**. (= funcionário de elevada estatura)

Existem **determinadas pessoas**. (= quaisquer pessoas)

Existem **pessoas determinadas**. (= pessoas decididas, resolutas)

Comprei o **relógio certo**. (= relógio ideal)

Comprei um **certo relógio**. (= qualquer relógio)

Rodrigo é um **velho amigo**. (= amigo de longa data)

Rodrigo é um **amigo velho**. (= amigo idoso)

Entretanto, é preciso que vocês fiquem atentos, pois nem sempre a inversão da ordem de palavras acarretará mudança de sentido. Nesses casos, teremos paráfrases. Vejam:

Passei por **maldormidas noites**.

Passei por **noites maldormidas**.

Em ambas as frases, o substantivo “noites” é caracterizado pelo adjetivo “maldormidas”. Como não houve mudança da classe gramatical, não houve alteração semântica. Portanto, a segunda frase é paráfrase da primeira.

9) Perífrases.

Exemplos:

Pelé foi eleito o atleta do século XX.

O **rei do futebol** foi eleito o atleta do século XX.

Gregório de Matos tem escritos belíssimos.

O **boca do inferno** tem escritos belíssimos.

10) Troca de locuções por palavras (e vice-versa).

Exemplos:

As festas **de verão** foram um sucesso.

As festas **estivais** foram um sucesso.

De verão é uma locução adjetiva que corresponde ao adjetivo **estivais**. Sendo assim, a reescritura manteve o sentido original.

Seguem algumas locuções adjetivas e os adjetivos correspondentes:

água **de chuva** = água **pluvial**
água **de rio** = água **fluvial**
suco **de estômago** = suco **gástrico** / **estomacal**
era **de gelo** = era **glacial**
período **de guerra** = período **bélico**
amor **de irmão** = amor **fraternal**
festas **de verão** = festas **estivais**
cordão **de umbigo** = cordão **umbilical**
atitude **de paixão** = atitude **passional**
jogada **de mestre** = jogada **magistral**
gesto **de criança** = gesto **infantil** / **pueril**

Esses e muito outros recursos podem ser utilizados com a finalidade de parafrasear um texto. Sendo assim, é importante que vocês leiam com bastante atenção: caso haja mudança de sentido, a reescritura não será uma paráfrase.

(CESPE/UnB-2011/EBC)

1 É possível encontrar diversos conceitos ou definições
acerca do que se pode chamar de sistema público de
comunicação, seja em livros e pesquisas, seja em documentos
4 oficiais. Geralmente, evoca-se o horizonte educativo e cultural
inerente a essas mídias. Em outros momentos, enfatiza-se o fato
de serem empresas não comerciais. Há, ainda, a noção de que
7 mídia pública é aquela que cumpre o papel de dar visibilidade
ao debate público, sendo autônoma em relação ao mercado e
também livre das amarras ou das ingerências governamentais.
10 Essas variadas ênfases ou visões são fruto das influências que
a ideia de comunicação pública absorveu em seu percurso
histórico durante boa parte do século XX.

13 A definição atual de mídia pública incorpora essas
facetas e sustenta algumas outras características relevantes,
podendo ser resumida nos seguintes termos: mídia pública é
16 um meio de comunicação em que não se prevê atividade
comercial direcionada à obtenção de lucro para proprietários
particulares ou acionistas privados, e que apresenta,
19 simultaneamente, algum nível de participação pública em seu
gerenciamento. Quanto mais autônoma ela é em relação ao
mercado, quanto mais livre de ingerências governamentais e
22 quanto mais aberta e predisposta à participação do cidadão,
mais forte e qualificado é o adjetivo pública.

Internet: <www.direitoacomunicacao.org.br> (com adaptações).

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

26. A substituição da expressão “acerca do” (L.2) por **em cerca do** manteria a correção gramatical do período.

Comentário: A expressão “acerca de” significa “sobre”, ou seja, o assunto do qual se fala. Não existe a expressão “em cerca de”. O que existe é “cerca de”, que significa “aproximadamente”. Logo, a substituição não mantém a correção gramatical tampouco o sentido do período.

Gabarito: Errado.

27. Seria mantida a correção gramatical do período ao se substituir “ênfatiza-se” (L.5) por **é enfatizado**.

Comentário: Em “ênfatiza-se o fato de serem empresas não comerciais”, temos uma voz passiva sintética, em que o verbo “ênfatizar” é transitivo direto, seguido da partícula “se” (pronome apassivador). Logo, a expressão “o fato” é sujeito da oração. Essa estrutura equivale à voz passiva analítica, formada pelo verbo “ser”, seguido de particípio : “O fato (...) é enfatizado”.

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

1 Vão surgindo novos sinais do crescente otimismo da
2 indústria com relação ao futuro próximo. Um deles refere-se às
3 exportações. “O comércio mundial já está voltando a se abrir
4 para as empresas”, diz o gerente executivo de pesquisas da
5 Confederação Nacional da Indústria (CNI), Renato da Fonseca,
6 para explicar a melhora das expectativas dos industriais com
7 relação ao mercado externo.

8 Quanto ao mercado interno, as expectativas da
9 indústria não se modificaram. Mas isso não é um mau sinal,
10 pois elas já eram francamente otimistas. Há algum tempo, a
11 pesquisa da CNI, realizada mensalmente a partir de 2010,
12 registra grande otimismo da indústria com relação à demanda
13 interna. Trata-se de um sentimento generalizado. Em todos os
setores industriais, a expressiva maioria dos entrevistados
acredita no aumento das vendas internas.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

Em relação às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

28. A substituição de “se modificaram” (L.9) por **foram modificadas** prejudicaria a correção gramatical do período.

Comentário: Em “(...) as expectativas da indústria não se modificaram.”, temos uma estrutura de voz passiva sintética: verbo transitivo direto “modificar”, antecedido da partícula apassivadora “se” devido ao advérbio “não”. Essa estrutura é equivalente à estrutura de voz passiva analítica: “(...) as expectativas da indústria foram modificadas”. Notem que o tempo verbal (pretérito perfeito) foi mantido. Logo, a substituição manteria a correção gramatical do período.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2011/IFB)

1 No Brasil, 1.120 empresas não pagam salário a seus
empregados. Acalmem-se, defensores dos direitos humanos,
4 pois não estamos falando de trabalho escravo. Trata-se de uma
modalidade de negócio que funciona com a mão de obra
voluntária de estudantes universitários. O número de empresas
juniores, como são chamados esses empreendimentos, teve um
7 crescimento de 87% nos últimos cinco anos — cinco vezes o
de instituições de ensino superior. Uma empresa júnior, sempre
sediada em uma universidade, é formada e administrada por
10 alunos interessados em pôr em prática o que aprendem nas
salas de aula. Quando necessário, um professor é chamado para
orientar e tirar dúvidas, mas, das funções mais simples de
13 escritório até a direção executiva, todos os cargos são ocupados
por estudantes. A companhia tem estatuto e regimentos
próprios, e o preço cobrado por seus produtos e serviços é
15 bastante inferior ao do mercado. Seus clientes são, quase
sempre, micro e pequenas empresas para as quais contratar
uma consultoria especializada sai muito caro.

Julia Carvalho. In: Veja, 10/11/2010 (com adaptações).

Acerca de aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue os itens a seguir.

29. O sentido e a correção gramatical de texto seriam mantidos se, no trecho “Uma empresa júnior, sempre sediada em uma universidade, é formada” (L.8-9), o segmento sublinhado fosse deslocado para o início do período, da seguinte forma: Sempre sediada em uma universidade, uma empresa júnior é formada.

Comentário: A expressão “sempre sediada em uma universidade” tem caráter explicativo, razão pela qual foi empregada entre vírgulas. Entretanto, caso fosse deslocada para o início do período, deveria assumir a forma apresentada pelo examinador: “Sempre sediada em uma universidade, uma empresa júnior (...)”.

Gabarito: Certo.

30. O sentido original e correção gramatical do texto não serão prejudicados caso seu último período seja reescrito da seguinte maneira: Seus clientes são micro e pequenas empresas para as quais contratar uma consultoria especializada sai, quase sempre, muito caro.

Comentário: No período original, a expressão explicativa “quase sempre” relaciona-se aos clientes. Entretanto, a reescritura proposta pelo examinador da banca mantém a correção gramatical, mas altera o sentido do período, já que relaciona a expressão “quase sempre” ao preço de contratação da consultoria.

Gabarito: Errado.

(CESPE/UnB-2012/Polícia Federal)

- 1 Dizem que Karl Marx descobriu o inconsciente três décadas antes de
Freud. Se a afirmação não é rigorosamente exata, não deixa de fazer
sentido, uma vez que Marx, em O Capital, no capítulo sobre o fetiche da
mercadoria, estabelece dois parâmetros conceituais imprescindíveis para
5 explicar a transformação que o capitalismo produziu na subjetividade. São
eles os conceitos de fetichismo e de alienação, ambos tributários da
descoberta da mais-valia — ou do inconsciente, como queiram.

- A rigor, não há grande diferença entre o emprego dessas duas
palavras na psicanálise e no materialismo histórico. Em Freud, o fetiche
10 organiza a gestão perversa do desejo sexual e, de forma menos evidente,
de todo desejo humano; já a alienação não passa de efeito da divisão do
sujeito, ou seja, da existência do inconsciente. Em Marx, o fetiche da
mercadoria, fruto da expropriação alienada do trabalho, tem um papel
decisivo na produção “inconsciente” da mais-valia. O sujeito das duas
15 teorias é um só: aquele que sofre e se indaga sobre a origem inconsciente
de seus sintomas é o mesmo que desconhece, por efeito dessa mesma
inconsciência, que o poder encantatório das mercadorias é condição não de
sua riqueza, mas de sua miséria material e espiritual. Se a sociedade em
que vivemos se diz “de mercado”, é porque a mercadoria é o grande
20 organizador do laço social.

Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas.
São Paulo: Boitempo, 2011, p. 142 (com adaptações)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima e a seus aspectos gramaticais, julgue os itens subsequentes.

31. Com correção gramatical, o período “A rigor (...) histórico” (linhas 8 e 9) poderia, sem se contrariar a ideia original do texto, ser assim reescrito: Caso se proceda com rigor, a análise desses conceitos, verifica-se que não existe diferenças entre eles.

Comentário: Embora as expressões “a rigor” e “em rigor” sejam de uso frequente no português contemporâneo, não são termos sinônimos, sendo importante fazer uma breve distinção entre elas.

A primeira é uma expressão idiomática que significa “de acordo com as exigências da ocasião”, “conforme as circunstâncias”. Segundo as lições de Luiz Antonio Sacconi, a expressão “a rigor” é copiada do francês “à la rigueur”:

“A expressão ‘a rigor’ é copiada do francês ‘à la rigueur’. Só devemos usar palavras, expressões, construções estrangeiras, quando absolutamente necessárias. Parece-nos que “em rigor” substitui a contento ‘a rigor’ ”. (Luiz Antonio Sacconi, “Não erre mais!”.)

Por sua vez, a locução adverbial “em rigor” geralmente precede explicações e/ou exposições de ideias exatas. Pode ser substituída pelo advérbio “rigorosamente” e apresenta o significado “proceder com rigor, exatidão”,

“estritamente”. O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete registra somente a forma “em rigor”:

“ ‘Em rigor’ (loc. adv.), rigorosamente, conforme as exigências do assunto; no sentido estrito.”

Ex.: “Quem ignorando ofendeu, ‘em rigor’ (rigorosamente) não é delinquente.” (Pe. Antônio Vieira)

Voltando à questão da prova...

No enunciado da questão 1, o trecho “Caso se proceda com rigor” faz menção ao segmento “em rigor”, alterando a ideia original do texto.

Além disso, na reescrita proposta pelo examinador da banca, houve os seguintes erros: (i) a vírgula após a expressão “a rigor” está separando incorretamente o verbo “proceder” do complemento “a análise desses conceitos”; (ii) o verbo “existir” deveria ter sido flexionado no plural para concordar com o sujeito “diferenças”; e (iii) por fim, de regência, pois o verbo “proceder” foi empregado na acepção de “dar início”, devendo assumir transitividade indireta. Essa incorreção também implicou omissão inadequada do acento grave indicativo de crase, uma vez que o termo regente “proceder” exige o emprego da preposição “a” e o termo regido “análise” admite a anteposição do artigo definido “a”.

Gabarito: ERRADO.

32. A informação que inicia o texto é suficiente para se inferir que Freud conheceu a obra de Marx, mas o contrário não é verdadeiro, visto que esses pensadores não foram contemporâneos.

Comentário: Por meio da informação de que “Karl Marx descobriu o inconsciente três décadas antes de Freud” não é possível inferir que não houve contemporaneidade entre os autores Freud e Marx. Além disso, o texto não apresenta informações suficientes e necessárias para chegarmos à conclusão de que a obra de Marx não foi conhecida por Freud.

Gabarito: ERRADO.

33. A expressão “dessas duas palavras” (linhas 8 e 9), como comprovam as ideias desenvolvidas no parágrafo em que ela ocorre, remete não aos dois vocábulos que imediatamente a precedem – “mais-valia” (linha 7) e “inconsciente” (linha 7) –, mas, sim, a “fetichismo” (linha 6) e “alienação” (linha 6).

Comentário: No segundo parágrafo do texto, a expressão “dessas duas palavras” refere-se aos vocábulos “fetichismo” e “alienação”. Por meio do emprego da estrutura “dessas” (contração da preposição “de” com o pronome demonstrativo “essas”), houve o mecanismo de coesão referencial anafórica, isto é, ocorreu a retomada de palavras já mencionadas anteriormente no texto.

Gabarito: CERTO.

34. Depreende-se da argumentação apresentada que a autora do texto, ao aproximar conceitos presentes nos estudos de Marx e de Freud, busca demonstrar que, nas sociedades “de mercado”, a “divisão do sujeito” (linhas 11 e 12) se processa de forma análoga na subjetividade dos indivíduos e na relação de trabalho.

Comentário: A partir do excerto “O sujeito das duas teorias é um só”, é possível depreender que, “nas sociedades “de mercado”, a “divisão do sujeito” se processa na forma equivalente tanto na “subjetividade dos indivíduos” quanto na “relação de trabalho”.

Segundo o texto, a “subjetividade dos indivíduos” é marcada pelo trecho “aquele que sofre e se indaga sobre a origem inconsciente de seus sintomas é o mesmo que desconhece, por efeito dessa mesma inconsciência, que o poder encantatório das mercadorias é condição não de sua riqueza, mas de sua miséria material e espiritual”.

A “divisão de sujeito” também se dá na “relação de trabalho”. Consoante o texto, “Se a sociedade em que vivemos se diz – de mercado –, é porque a mercadoria é o grande organizador do laço social”. Ainda em conformidade com a superfície textual, “Em Marx, o fetiche da mercadoria, fruto da expropriação alienada do trabalho, tem um papel decisivo na produção – inconsciente – da mais-valia”.

Gabarito: CERTO.

(CESPE/UnB-2012/Polícia Federal)

- 1 Imagine que um poder absoluto ou um texto sagrado declarem que quem roubar ou assaltar será enforcado (ou terá a mão cortada). Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples, pois a responsabilidade moral do veredicto não estaria conosco. Nas sociedades
- 5 tradicionais, em que a punição é decidida por uma autoridade superior a todos, as execuções podem ser públicas: a coletividade festeja o soberano que se encarregou da justiça — que alívio!

- A coisa é mais complicada na modernidade, em que os cidadãos comuns (como você e eu) são a fonte de toda autoridade jurídica e moral.
- 10 Hoje, no mundo ocidental, se alguém é executado, o braço que mata é, em

15 última instância, o dos cidadãos — o nosso. Mesmo que o condenado seja indiscutivelmente culpado, pairam mil dúvidas. Matar um condenado à morte não é mais uma festa, pois é difícil celebrar o triunfo de uma moral tecida de perplexidade. As execuções acontecem em lugares fechados, diante de poucas testemunhas: há uma espécie de vergonha. Essa discrição é apresentada como um progresso: os povos civilizados não executam seus condenados nas praças. Mas o dito progresso é, de fato, um corolário da incerteza ética de nossa cultura.

20 Reprimimos em nós desejos e fantasias que nos parecem ameaçar o convívio social. Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. Mas a coisa muda quando a pena é radical, pois há o risco de que a morte do culpado sirva para nos dar a ilusão de liquidar, com ela, o que há de pior em nós. Nesse caso, a execução do condenado é usada para limpar nossa alma. Em geral, a justiça sumária é
25 isto: uma pressa em suprimir desejos inconfessáveis de quem faz justiça. Como psicanalista, apenas gostaria que a morte dos culpados não servisse para exorcizar nossas piores fantasias — isso, sobretudo, porque o exorcismo seria ilusório. Contudo é possível que haja crimes hediondos nos quais não reconhecemos nada de nossos desejos reprimidos.

Contardo Calligaris. Terra de ninguém – 101 crônicas. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 94-6 (com adaptações).

Com referência às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens de 35 a 41.

35. Suprimindo-se o emprego de termos característicos da linguagem informal, como o da palavra “coisa” (linha 8) e o do trecho “(como você e eu)” (linha 9), o primeiro período do segundo parágrafo poderia ser reescrito, com correção gramatical, da seguinte forma: Essa prática social apresenta-se mais complexa na modernidade, onde a autoridade jurídica e moral submete-se à opinião pública.

Comentário: Na reescrita, o pronome relativo “onde” está retomando o elemento “modernidade”. Entretanto, conforme prescrevem as gramáticas tradicionais, essa forma pronominal (onde) deve ser empregada quando houver alusão a lugar físico. No contexto, a palavra “modernidade” expressa circunstância de tempo, o que torna incorreto o emprego de “onde” e, consequentemente, a transcrição do examinador.

Portanto, para manter a correção e a ideia original do trecho, o pronome relativo “onde” deve ser substituído pelo conectivo temporal “quando” ou, ainda, pelas expressões “em que” ou “na qual”:

Essa prática social apresenta-se mais complexa na modernidade, **quando / em que / na qual** a autoridade jurídica e moral submete-se à opinião pública.

Gabarito: ERRADO.

36. No período “Nesse caso (...) estaria conosco” (linhas 2 a 4), como o conector “ou” está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado “seria simples” poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: seriam.

Comentário: A questão versa sobre concordância verbal. Segundo as gramáticas normativas da Língua Portuguesa, quando houver sujeito oracional, ainda que seja composto, o verbo da oração principal deverá permanecer na terceira pessoa do singular. Notem que, no contexto, o sujeito composto oracional é representado pelas orações subordinadas substantivas reduzidas “puxar a corda”, “afiar a faca” e “assistir à execução”, tendo como núcleo, respectivamente, as formas verbais “puxar”, “afiar” e “assistir”. Portanto, o verbo “ser” deve permanecer no singular:

Puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples.

Para facilitar a visualização, substituam a forma em destaque pelo pronome demonstrativo “ISSO”:

ISSO seria simples.

Gabarito: ERRADO.

37. De acordo com o texto, nas sociedades tradicionais, os cidadãos sentem-se aliviados sempre que um soberano decide infligir a pena de morte a um infrator porque se livram das ameaças de quem desrespeita a moral que rege o convívio social, como evidencia o emprego da interjeição “que alívio!” (linha 7).

Comentário: Segundo o texto, o sentimento de alívio não é proveniente do fato de ficar livre de ameaças (conforme aduz o enunciado do item), mas, sim, em virtude de a população se eximir da responsabilidade de fazer justiça. Essa informação está expressa no período “Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples, pois a responsabilidade moral do veredicto não estaria conosco”.

Gabarito: ERRADO.

38. Mantendo-se a correção gramatical e a coerência do texto, a oração “se alguém é executado” (linha 10), que expressa uma hipótese, poderia ser escrita como *caso se execute alguém*, mas não, como *se caso alguém se execute*.

Comentário: Inicialmente, percebemos que em “se alguém é executado” há uma estrutura de voz passiva analítica. Notem que a expressão “é executado” é composta pela estrutura “verbo SER + particípio”. É corretamente possível a transposição para a voz passiva sintética (ou pronominal) em “caso se execute alguém”. No trecho inicial (se alguém é executado), o conector “se” contém noção semântica de condição, podendo ser substituído pela conjunção “caso”. Nessa hipótese, o verbo “executar” deve ser flexionado no subjuntivo, conforme ocorreu perfeitamente na reescrita do examinador: “Caso se execute ...” (presente do subjuntivo). Por sua vez, o vocábulo “alguém” desempenha a função de sujeito paciente, isto é, aquele que recebe a ação verbal:

Se alguém **é executado** : voz passiva analítica (o sujeito alguém sofre a ação de ser executado)

Caso **se execute** alguém : voz passiva sintética (o sujeito alguém sofre a ação de ser executado)

Já no trecho “se caso alguém se execute”, o pronome “se” (alguém se execute) não é pronome apassivador, mas sim pronome reflexivo. Isso acarreta mudança na informação do período original. Além disso, o trecho “se caso alguém se execute” configura desvio gramatical, pois o emprego concomitante dos conectivos “se caso” não é abonado pela gramática normativa.

Gabarito: ERRADO.

39. O termo “Essa descrição” (linha 16) refere-se apenas ao que está expresso na primeira oração do período que o antecede.

Comentário: Para responder a essa questão, o candidato deve localizar o seguinte trecho no texto: “As execuções acontecem em lugares fechados, diante de poucas testemunhas: há uma espécie de vergonha. **Essa descrição** é apresentada como um progresso (...)”. Notem que o termo “Essa descrição” desempenha um importante papel coesivo na superfície textual, retomando apenas a informação constante do período anterior, não incluindo a frase “há uma espécie de vergonha”: “As execuções acontecem em lugares fechados, diante de poucas testemunhas (...)”. **Essa descrição ...**”. Portanto, a afirmação do examinador está correta.

Gabarito: CERTO.

40. Na condição de psicanalista, o autor do texto adverte que a punição de infratores das leis é uma forma de os indivíduos expurgarem seus desejos inconfessáveis, ressaltando, no entanto, que, quando se trata de crime hediondo, tal não se aplica.

Comentário: Para analisar este item, devemos recorrer à última oração do texto: “Contudo **é possível** que haja crimes hediondos nos quais não reconhecemos nada de nossos desejos reprimidos”. Por meio da expressão “é possível”, o autor refere-se aos crimes hediondos como uma possibilidade. Além disso, a oração subordinada adjetiva restritiva “nos quais não reconhecemos nada de nossos desejos reprimidos” apresenta valor de restrição, não fazendo menção a esses crimes de forma genérica. Trata-se, portanto, de uma ideia oposta à que foi apresentada pelo examinador no trecho “quando se trata de crime hediondo, tal não se aplica”.

Gabarito: ERRADO.

41. Nas linhas 20 e 21, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome “*mesmas*”, seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra “*as*” da expressão “*as mesmas renúncias*”.

Comentário: Segundo as lições de Celso Pedro Luft, na obra Dicionário Prático de Regência Verbal, editora Ática, pág. 326, o verbo “impor” pode ser:

a) transitivo direto: O chefe impunha respeito.

b) transitivo direto e indireto: Impuseram-lhe uma coroa de flores.

No contexto apresentado no enunciado, o verbo “impor”, constante do trecho “daqueles que não se impõem as mesmas renúncias”, assume transitividade direta e indireta (*impor-lhe algo* ou *impor algo a alguém*). Nesse trecho, a funções de complementos do aludido verbo são o pronome reflexivo “se” (objeto indireto, equivalente a “a si”) e a expressão “as mesmas renúncias” (objeto direto). No fragmento textual apontado, o pronome relativo “que” é sujeito da forma verbal “impõem”, retomando o pronome demonstrativo “daqueles”. Para facilitar a visualização, é possível transcrever o excerto na ordem direta (sujeito + verbo + complementos):

aqueles que (sujeito) não impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD) a si (OI).

Conforme a afirmação feita pelo examinador, com o emprego do acento grave indicativo de crase o verbo “impor” passaria a apresentar dois objetos indiretos. Por essa razão, ao afirmar que o objeto direto pode ser transformado em objeto indireto, o item está errado.

Gabarito: ERRADO.

(CESPE/UnB-2011/TCU-Auditor Federal de Controle Externo)

1 Na história das ideias, são raras as proposições gerais que não se desfazem em exceções. É necessário, no entanto, generalizar e comparar, e a generalização que nos servirá de ponto de partida está entre as mais robustas de que a história das ideias é capaz. Ei-la: o grande divisor de águas no tocante à evolução da noção de progresso civilizatório e do seu impacto sobre a felicidade humana foi o Iluminismo europeu do século XVIII — a “era da razão”. A equação fundamental do Iluminismo pressupunha a existência de uma espécie de harmonia preestabelecida entre o progresso da civilização e o aumento da felicidade.

11 A meteorologia usa o barômetro para medir a pressão da atmosfera e prever as mudanças do clima. Se a história das ideias possuísse um instrumento análogo, capaz de fazer leituras barométricas dos climas de opinião em determinados períodos e de registrar as variações de expectativa em relação ao futuro em diferentes épocas, então haveria pouca margem para dúvida de que o século XVIII deslocaria o ponteiro da confiança no progresso e no aumento da felicidade humana ao longo do tempo até o ponto mais extremo de que se tem notícia nos anais da história intelectual.

Eduardo Giannetti. Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 19-22 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os seguintes itens.

42. Preservando-se a coerência e a correção gramatical do texto, seu primeiro período poderia ser assim reescrito: É raro, na história das ideias, que se encontre proposições de natureza geral que se mantenham firmes diante de exceções.

Comentário: Inicialmente, a fim de facilitar a análise, vamos transcrever o excerto na ordem direta:

“Que se encontre proposições de natureza geral que se mantenham firmes diante das exceções é raro”.

Na estrutura acima, temos um caso de sujeito oracional, iniciado pela conjunção integrante “que”: “Que se encontre proposições de natureza geral que se mantenham firmes diante das exceções”. Com isso, o verbo “ser” deve permanecer na terceira pessoa do singular: “é”. Para melhor visualizar, podemos substituir a estrutura do sujeito oracional pelo pronome demonstrativo “ISSO”:

ISSO é raro.

Entretanto, no interior da estrutura que compõe o sujeito oracional, temos um erro de concordância verbal em “se encontre proposições de natureza geral”. O correto seria “Que se encontrem proposições de natureza geral”, já que temos uma estrutura passiva (VTD + SE), em que o verbo “encontrar” tem como sujeito a

expressão “proposições de natureza geral” e, por isso, deve concordar em número e pessoa com o núcleo “proposições” para manter a correção gramatical.

Gabarito: Errado.

43. A relação entre progresso civilizatório e felicidade está associada a um momento histórico específico, o Iluminismo, embora o texto indique que a relação entre esses elementos possa ser observada em outras épocas e movimentos históricos.

Comentário: No primeiro parágrafo do texto, o autor relaciona progresso civilizatório e felicidade ao Iluminismo, conforme se confirma com o excerto “(...) A equação fundamental do Iluminismo pressupunha a existência de uma espécie de harmonia preestabelecida entre o progresso da civilização e o aumento da felicidade”.

Ainda em conformidade com o enunciado feito pelo examinador, o texto, no segundo parágrafo, indica a possibilidade de a relação entre progresso civilizatório e felicidade ser observada em outras épocas: “(...) então haveria pouca margem para dúvida de que o século XVIII deslocaria o ponteiro da confiança no progresso e no

aumento da felicidade humana ao longo do tempo até o ponto mais extremo de que se tem notícia nos anais da história intelectual”.

Gabarito: Certo.

44. O reconhecimento, pelo autor, de que seu argumento está fundamentado em base frágil, a generalização na história das ideias, e de que essa generalização é necessária funciona como forma de evitar, no nível discursivo, eventuais críticas ao seu posicionamento.

Comentário: O autor inicia o texto com a afirmação “Na história das ideias, são raras as proposições gerais que não se desfazem em exceções”. Assim, chama a atenção do leitor para a necessidade de generalizar e comparar, conforme se percebe no trecho “É necessário, no entanto, generalizar e comparar (...)”. Por meio do emprego da técnica dialética (apresentando aspectos favoráveis e contrários), o autor tem a intenção de evitar críticas ou indagações ao posicionamento apresentado no texto.

Gabarito: Certo.

(CESPE/UnB-2012/TCE-ES-Auditor)

Texto para os itens de 45 a 50.

As auditorias gerais ou controladorias e as cortes de contas surgiram na Europa e influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais. As primeiras predominam nos países de tradição anglo-saxônica, enquanto as últimas são mais comuns nos países influenciados pela Europa continental.

As cortes surgiram com a preocupação de controlar a legalidade da gestão financeira do setor público. Esse controle pressupõe que o exato cumprimento da lei é condição necessária para a correta aplicação dos recursos públicos. Por essa razão, a primeira atribuição das cortes de contas foi verificar se o gestor havia agido conforme a legislação, se seus atos estavam respaldados nas normas aplicáveis.

O controle gerencial, por sua vez, é a principal marca das auditorias gerais ou controladorias. Essa modalidade de controle prioriza a análise dos atos administrativos em relação tanto aos seus custos quanto aos resultados almejados e alcançados.

Em relação ao estatuto jurídico e à efetividade de suas decisões, as entidades fiscalizadoras superiores diferem de país para país. Algumas têm natureza administrativa, ou seja, as suas decisões podem ser revistas pelo Poder Judiciário. Outras, porém, apresentam natureza jurisdicional, ou seja, as suas decisões são definitivas em relação ao seu objeto.

Alexandre Amorim Rocha. O modelo de controle externo exercido pelos tribunais de contas e as proposições legislativas sobre o tema. Internet: <www.senado.gov.br> (com adaptações).

Com base nas ideias do texto acima, julgue os itens a seguir.

45. O controle gerencial privilegia a análise dos custos dos atos administrativos e os resultados que se pretende alcançar.

Comentário: A questão versa sobre compreensão textual, cuja resposta se encontra expressa no terceiro parágrafo do texto:

“O controle gerencial, por sua vez, é a principal marca das auditorias gerais ou controladorias. Essa modalidade de controle prioriza a análise dos atos administrativos em relação tanto aos seus custos quanto aos resultados almejados e alcançados.”

Dessa forma, o examinador está correto ao afirmar que “o controle gerencial privilegia a análise dos custos dos atos administrativos e os resultados que se pretende alcançar”, sendo essa afirmação uma mera paráfrase do fragmento textual destacado.

Gabarito: Certo.

46. A diferença entre as entidades fiscalizadoras superiores de cada país restringe-se ao estatuto jurídico e à efetividade que suas decisões apresentam em cada nação.

Comentário: Mais uma vez, temos uma questão acerca de compreensão textual. No último parágrafo do texto, o autor menciona que “Em relação ao estatuto jurídico e à efetividade de suas decisões, as entidades fiscalizadoras superiores diferem de país para país. Algumas têm natureza administrativa, ou seja, as suas decisões podem ser revistas pelo Poder Judiciário. Outras, porém, apresentam natureza jurisdicional, ou seja, as suas decisões são definitivas em relação ao seu objeto”. Esse excerto textual, contudo, não nos fornece subsídios para que cheguemos à conclusão de que a diferença entre as entidades fiscalizadoras superiores esteja adstrita ao “estatuto jurídico” e à “efetividade”. Configura-se, portanto, um erro de extrapolação.

Gabarito: Errado.

47. Infere-se do texto que, nos países europeus, prevalecem as cortes de contas como entidades fiscalizadoras superiores.

Comentário: Questão sobre interpretação textual. Segundo as ideias do primeiro parágrafo do texto, “as auditorias gerais ou controladorias e as cortes de contas surgiram na Europa e influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais”. Na continuação desse mesmo segmento textual, o autor lança mão de importantes recursos coesivos, fazendo a retomada das expressões “auditorias gerais” e “cortes de contas”: “As primeiras (=auditorias gerais ou controladorias) predominam nos países de tradição anglo-saxônica, enquanto as últimas (= cortes de contas) são mais comuns nos países influenciados pela Europa continental”. Esse fragmento textual, entretanto, não afirma que há predominância das cortes de contas como entidades fiscalizadoras superiores, mencionando, tão somente, que

elas “influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais”, o que desqualifica a afirmação do examinador no item em análise.

Gabarito: Errado.

48. Depreende-se da leitura do texto que, devido à influência cultural e financeira da Europa continental na maior parte do mundo, as cortes de contas são mais comuns que as controladorias.

Comentário: No decorrer do primeiro parágrafo do texto, o autor faz alusão à influência exercida pelas cortes de contas na “organização de quase todos os Estados nacionais”. Todavia, não há subsídios textuais que nos permitam depreender que elas, as cortes de contas, sejam privilegiadas em detrimento das controladorias (ou auditorias gerais).

Gabarito: Errado.

49. Após os pronomes “Algumas” e “Outras”, está subentendida a expressão “entidades fiscalizadoras superiores”.

Comentário: Questão sobre referenciação textual. É sabido que os pronomes desempenham importante papel na superfície do texto, proporcionando coesão aos seus elementos. No último parágrafo, as formas pronominais “algumas” e “outras” remetem à expressão “entidades fiscalizadoras superiores”, conforme destacamos no excerto abaixo:

*“Em relação ao estatuto jurídico e à efetividade de suas decisões, as **entidades fiscalizadoras superiores** diferem de país para país. Algumas (entidades fiscalizadoras superiores) têm natureza administrativa, ou seja, as suas decisões podem ser revistas pelo Poder Judiciário. Outras (entidades fiscalizadoras superiores), porém, apresentam natureza jurisdicional (...).”*

Portanto, o item está certo.

Gabarito: Certo.

50. Mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, o trecho “e influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais” poderia ser reescrito da seguinte forma: e influíram na organização da maioria das unidades federativas brasileiras.

Comentário: Questão sobre reescritura de trechos do texto. No primeiro parágrafo da superfície textual, temos o segmento “As auditorias gerais ou controladorias e as cortes de contas surgiram na Europa e influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais”. Por meio desse fragmento, percebemos que não há equivalência semântica com a reescrita proposta pelo examinador em “e influíram na organização da maioria das unidades federativas brasileiras”. Inicialmente, a forma verbal “influíram”, proveniente do verbo “influir” (influenciar, inspirar) é sinô-

nima de “influenciaram”. Até aqui, tudo bem! Todavia, na expressão “todos os Estados nacionais”, o vocábulo “Estados” refere-se a países, ou seja, aos Estados-nação. Por sua vez, no excerto “unidades federativas brasileiras”, há menção aos estados membros, vale dizer, às unidades internas que constituem o Brasil. Logo, o item está errado.

Gabarito: Errado.

Texto para os itens de 51 a 55.

O Tribunal de Contas da União (TCU) constatou que tribunais regionais do trabalho utilizaram indexadores de correção monetária e juros diferentes dos previstos na legislação para pagamentos de passivos a servidores e juízes.

O Conselho Superior da Justiça do Trabalho, instância de supervisão administrativa dos tribunais trabalhistas, provocado pelo TCU, recalculou o montante devido desses passivos, reduzindo o valor de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 1,2 bilhão, aproximadamente.

De acordo com o relatório, o valor total de R\$ 1,5 bilhão já foi pago em duas parcelas (2010 e 2011). Unidade técnica do TCU vai monitorar as providências adotadas pelos órgãos responsáveis para a recomposição aos cofres públicos dos valores pagos indevidamente.

No relatório, identificou-se que os erros cometidos na quantificação e no registro dos passivos de pessoal, em todo o país, se referiam a diferenças da conversão dos salários de unidade real de valor (URV), a diferenças remuneratórias do recálculo da parcela autônoma de equivalência e a diferenças no adicional de tempo de serviço que deveria ser pago entre janeiro de 2005 e maio de 2006. O montante não inclui o valor referente ao cálculo do VPNI e a eventuais compensações nem possíveis valores pagos acima do teto remuneratório constitucional.

O tribunal deu início à fiscalização em outros tribunais regionais após constatar passivos indevidos na ordem de aproximadamente R\$ 270 milhões em um desses órgãos do país. Nesse processo, determinou-se a suspensão dos pagamentos até que os cálculos fossem revistos.

Internet: <<http://portal2.tcu.gov.br>> (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens subsequentes.

51. Os “indexadores de correção monetária e juros diferentes dos previstos na legislação para pagamentos de passivos a servidores e juízes” foram a causa dos “erros cometidos” pelos tribunais.

Comentário: De acordo com as ideias do primeiro período do texto, ao utilizarem “indexadores de correção monetária e de juros diferentes dos previstos na legislação para pagamento de passivos a servidores e juízes”, os tribunais incorreram em erro. Em outras palavras, a utilização de *indexadores inadequados e de juros diversos não constantes da legislação* influenciaram a “quantificação e o registro dos passivos de pessoal”, motivos que acarretaram o pagamento indevido dos valores.

Gabarito: Certo.

52. Na linha 20, o elemento “que” introduz oração que restringe o sentido do termo “adicional de tempo de serviço”.

Comentário: No excerto “No relatório, identificou-se que os erros cometidos na quantificação e no registro dos passivos de pessoal, em todo o país, se referiam a diferenças da conversão dos salários de unidade real de valor (URV), a diferenças remuneratórias do recálculo da parcela autônoma de equivalência e a diferenças no adicional de tempo de serviço que deveria ser pago entre janeiro de 2005 e maio de 2006”, o pronome relativo destacado introduz a oração subordinada adjetiva “que deveria ser pago entre janeiro de 2005 e maio de 2006”. Conforme podemos perceber, essa forma pronominal restringe o sentido da expressão “adicional de tempo de serviço”, iniciando uma oração adjetiva restritiva. Portanto, a afirmação do examinador está correta.

Gabarito: Certo.

53. Depreende-se do texto que os tribunais regionais do trabalho terão de recolher aos cofres públicos cerca de R\$ 300 milhões em virtude de pagamento indevido de passivo.

Comentário: Questão sobre interpretação textual. Para responder a este item, vamos transcrever o final do primeiro parágrafo e o início do segundo:

1º parágrafo – “(...). O Conselho Superior da Justiça do Trabalho, instância de supervisão administrativa dos tribunais trabalhistas, provocado pelo TCU, recalculou o montante devido desses passivos, reduzindo o valor de R\$ 2,4 bilhões para **R\$ 1,2 bilhão**, aproximadamente.”

3º parágrafo – “De acordo com o relatório, o valor total de **R\$ 1,5 bilhão** já foi pago em duas parcelas (2010 e 2011).”

Feita a transcrição acima, depreendemos que o valor fora reduzido para R\$1,2 bilhão. Entretanto, como já foi pago R\$1,5 bilhão, cerca de R\$300 milhões devem ser restituídos aos cofres públicos. Logo, a afirmação do examinador está correta.

Gabarito: Certo.

54. A irregularidade constatada em um tribunal brasileiro provocou o recálculo dos passivos devidos nos tribunais regionais do trabalho em todo o Brasil.

Comentário: O item está correto. A afirmação do examinador é uma paráfrase do último parágrafo do texto, em que o autor menciona que “o tribunal (TCU) deu início à fiscalização em outros tribunais regionais após constatar passivos indevidos na ordem de aproximadamente R\$ 270 milhões em um desses órgãos (TRTs) do país”.

Gabarito: Certo.

55. O trecho “entre janeiro de 2005 e maio de 2006” poderia ser reescrito, sem prejuízo para o sentido original e a correção gramatical do texto, da seguinte forma: de janeiro de 2005 à maio de 2006.

Comentário: Inicialmente, vamos transcrever o período original: “adicional de tempo de serviço que deveria ser pago entre janeiro de 2005 e maio de 2006”. Semanticamente, o excerto inicial traz a informação de que o pagamento ocorreria entre os meses de janeiro (de 2005) e maio (de 2006). Todavia, outra acepção é expressa pelo trecho reescrito pelo examinador em “de janeiro de 2005 à maio de 2006”, exprimindo a noção de que o pagamento deveria ocorrer mensalmente neste ínterim. Ademais, a reescritura proposta provoca transgressão gramatical, pois o acento grave indicativo de crase foi mal empregado no período. O correto, sob o prisma gramatical, é “de janeiro de 2005 a maio de 2006”.

Gabarito: Errado.

QUESTÕES COMENTADAS NA AULA

(CESPE/UnB-2008/TCU) Julgue o item que se seguem, acerca dos elementos do texto abaixo.

1 O presidente do TCU, ministro Walton Alencar
Rodrigues, encaminhou ao Congresso Nacional o Relatório
de Atividades referente a 2007. O documento apresenta os
4 principais resultados da atuação do TCU, tanto na área
administrativa quanto na área do controle das entidades
públicas. Em 2007, os benefícios diretos ao Tesouro
7 Nacional e aos cidadãos, decorrentes da atuação do tribunal,
superaram R\$ 5,5 bilhões. “Isso significa que, para cada real
gasto com o custeio do TCU, a União economizou cinco e
10 meio”, disse ele. Walton Alencar Rodrigues destacou,
também, a atuação prévia do TCU, por meio da adoção de
medidas cautelares, com o objetivo de evitar grave lesão ao
13 erário, ou a direito alheio, que envolveu a cifra de R\$ 7,9
bilhões. “Só isso demonstra os méritos dessa visão pró-ativa
adotada pelo TCU em relação à despesa pública, no sentido
16 de evitar a concretização dos danos”, explicou o presidente.

Informativo TCU, mar.-abr./2008, ano 10, n.º 390.
Internet: <portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

1. Esse texto caracteriza-se como predominantemente informativo.

(CESPE/UnB-2009/TCU) Julgue os seguintes itens com base na organização do texto abaixo.

O termo *groupthinking* foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem *groupthinking* como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

2. A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo “groupthinking” (linhas1-2), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

3. Apesar de a definição de “groupthinking” (linhas 4-7) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como “sintomas” (linha 7), “receitas” (linha 12) e “patologia” (linha 12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

(CESPE/UnB-2008/Ministério da Saúde)

Cuidados para evitar envenenamentos

Mantenha sempre medicamentos e produtos tóxicos fora do alcance das crianças;

Não utilize medicamentos sem orientação de um médico e leia a bula antes de consumi-los;

Não armazene restos de medicamentos e tenha atenção ao seu prazo de validade;

Nunca deixe de ler o rótulo ou a bula antes de usar qualquer medicamento;

Evite tomar remédio na frente de crianças;

Não ingira nem dê remédio no escuro para que não haja trocas perigosas;

Não utilize remédios sem orientação médica e com prazo de validade vencido;

Mantenha os medicamentos nas embalagens originais;

Cuidado com remédios de uso infantil e de uso adulto com embalagens muito parecidas;

Erros de identificação podem causar intoxicações graves e, às vezes, fatais;

Pílulas coloridas, embalagens e garrafas bonitas, brilhantes e atraentes, odor e sabor adocicados despertam a atenção e a curiosidade natural das crianças; não estimule essa curiosidade; mantenha medicamentos e produtos domésticos trancados e fora do alcance dos pequenos.

Internet: <189.28.128.100/portal/aplicacoes/noticias> (com adaptações).

4. O emprego do imperativo nas oito primeiras frases depois do título indica que se trata de um texto narrativo.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

Da memória e da reminiscência

1 A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

4 Essas duas perguntas são formuladas dentro do espírito da fenomenologia husserliana. Privilegiou-se, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido
7 segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. Essa abordagem “objetiva” levanta um problema específico no plano da memória. Não seria ela fundamentalmente reflexiva,
10 como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal: lembrar-se de alguma coisa é, de imediato, lembrar-se de si? Entretanto, insistimos em colocar a pergunta “o quê?” antes da
13 pergunta “quem?”, a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer prevalecer o lado egológico da experiência mnemônica. A primazia concedida por muito tempo à questão
16 “quem?” teve o efeito negativo de conduzir a análise dos fenômenos mnemônicos a um impasse, uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva. Se nos
19 apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo
22 de corpo estranho na fenomenologia da memória. Se não quisermos nos deixar confinar numa aporia inútil, será preciso manter em suspenso a questão da atribuição a alguém e,
25 portanto, a todas as pessoas gramaticais do ato de lembrar-se, e começar pela pergunta “o quê?”.

Paul Ricoeur. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 23 (com adaptações).

5. No texto, que se caracteriza como expositivo-argumentativo, identificam-se a combinação de vocabulário abstrato com metáforas e o emprego de estruturas sintáticas repetidas.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

- 1 Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due,
na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do
que à filosofia e à religião.
- 4 Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao
estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas
de monastério estavam nos cultos religiosos.
- 7 Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos,
que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim — língua que
o faria conhecido em toda a Europa.
- 10 Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e
conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia
imprimido o seu livro Adágios.
- 13 Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da
língua grega — idioma dominado apenas por eruditos. A partir
de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a
primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para
Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

Filosofia, n.º 28, Escala Educacional, 16
(com adaptações).

6. O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

- 1 É impossível pensar o mundo contemporâneo sem
reconhecer-lhe uma das características mais marcantes e
fundamentais: este é o período histórico no qual se opera a
4 mais radical das revoluções já experimentadas pela
humanidade, tanto em amplitude quanto em profundidade.
Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série
7 de avanços no conhecimento científico e pelo desenvolvimento
imediatos de aplicações desses novos conhecimentos à produção
e à circulação de bens materiais e simbólicos. Convencionou-se
10 denominá-la, portanto, revolução científica e tecnológica.
Não se trata de um simples salto qualitativo no acúmulo de
conhecimento humano, similar aos que ocorreram em outras
13 épocas. O ritmo dessa acumulação ganhou nova velocidade,
entrou em outro patamar, inusitado, uma vez que os avanços
nas diferentes áreas interagem e potencializam a produção mais
16 rápida ainda de novos conhecimentos. Nesse sentido, o que
distingue a atual revolução de outros tantos definitivos marcos
históricos, desde a sedentarização e a revolução na agricultura,
19 é a tremenda rapidez, a agilidade e a amplitude das mudanças
e transformações.

Vilma Figueiredo; Roberto Freire e Caetano E. P. de Araújo. **Revolução
científica e tecnológica**. Brasília: UnB, 1997, p. 71-2 (com adaptações).

7. O trecho “uma série de avanços (...) bens materiais e simbólicos” (linhas 6-9) constitui a tese que os autores visam comprovar por meio da argumentação formulada no texto, que pode ser classificado como dissertativo-argumentativo.

(CESPE/UnB-2010/MPU)

As projeções sobre a economia para os próximos dez anos são alentadoras. Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza. Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.

Tais previsões baseiam-se na hipótese de que o país vai superar eventuais obstáculos que impediriam a economia de crescer a ritmo continuado de 5% ao ano, em média. Para realizar essas projeções, o Brasil precisa aumentar a sua capacidade de poupança doméstica e investir mais para ampliar a oferta e se tornar competitivo.

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.

O Globo, Editorial, 12/7/2010 (com adaptações).

8. Pelas estruturas sintáticas, escolhas lexicais e modo de organização das ideias, conclui-se que predomina, no texto, o tipo textual narrativo.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que, nos próximos quatro anos, os investimentos na indústria brasileira chegarão a R\$ 500 bilhões, um valor 60% maior do que os R\$ 311 bilhões investidos entre 2005 e 2008 (o banco não incluiu 2009, pois ainda não dispõe de dados consolidados do ano passado).

O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo, como a indústria naval e a de fabricação de plataformas. Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia. Mas o BNDES prevê também fortes investimentos em setores voltados para atender à demanda interna, entre os quais o automobilístico.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

9. Trata-se de texto subjetivo e pessoal, em que o autor explicita sua opinião individual.

(CESPE/UnB-2010/MPU)

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas.

Estima-se que as perdas provocadas por violações das leis *antitrust* — apenas um item de uma longa lista dos principais crimes do colarinho branco — sejam maiores que todas as perdas causadas pelos crimes notificados à polícia em mais de uma década, e as relativas a danos e mortes provocadas por esse crime apresentam índices ainda maiores. A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que essas.

James William Coleman. A elite do crime. 5.ª ed., São Paulo: Manole, 2005, p. 1 (com adaptações).

10. Pela leitura do texto, conclui-se que, nos Estados Unidos da América, os efeitos anuais do tabagismo são mais danosos que os de uma década de violência urbana somados aos do uso de produtos fabricados com amianto.

(CESPE/UnB-2009/TCU)

O exercício do poder ocorre mediante múltiplas dinâmicas, formadas por condutas de autoridade, de domínio, de comando, de liderança, de vigilância e de controle de uma pessoa sobre outra, que se comporta com dependência, subordinação, resistência ou rebeldia.

Tais dinâmicas não se reportam apenas ao caráter negativo do poder, de opressão, punição ou repressão, mas também ao seu caráter positivo, de disciplinar, controlar, adestrar, aprimorar. O poder em si não existe, não é um objeto natural. O que há são relações de poder heterogêneas e em constante transformação. O poder é, portanto, uma prática social constituída historicamente.

Na rede social, as dinâmicas de poder não têm barreiras ou fronteiras: nós as vivemos a todo momento. Consequentemente, podemos ser comandados, submetidos ou programados em um vínculo, ou podemos comandá-lo para a realização de sua tarefa, e, assim, vivermos um novo papel social, que nos faz complementar, passivamente ou não, as regras políticas da situação em que nos encontramos.

Maria da Penha Nery. Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2003, p. 108-9 (com adaptações).

11. É correto concluir, a partir da argumentação do texto, que o poder é dinâmico e que há múltiplas formas de sua realização, com faces heterogêneas, positivas ou negativas; além disso, ele afeta todos que vivem em sociedade, tanto os que a ele se submetem, quanto os que a ele resistem.

12. De acordo com a argumentação do texto, o poder “não é um objeto natural” (linhas 7-8) porque é criado artificialmente nas relações de opressão social.

(CESPE/UnB-2009/TCU)

Um governo, ou uma sociedade, nos tempos modernos, está vinculado a um pressuposto que se apresenta como novo em face da Idade Antiga e Média, a saber: a própria ideia de democracia. Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação.

Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos — e, muitas vezes, conflitantes, como os direitos liberais de liberdade, de opinião, de reunião, de associação etc. —, tendo como pressupostos informativos um núcleo de direitos invioláveis, conquistados, principalmente, desde o início da Idade Moderna, e ampliados pelo Constitucionalismo Social do século XX até os dias de hoje. Fala-se, por certo, dos Direitos Humanos e Fundamentais de todas as gerações ou ciclos possíveis.

Rogério Gesta Leal. Poder político, estado e sociedade. Internet: <www.mundojuridico.adv.br> (com adaptações).

13. Na organização da argumentação, o segundo parágrafo do texto estabelece a condição de o debate e a reflexão sobre os direitos humanos vinculados aos interesses coletivos estarem na base da ideia de democracia.

14. O desenvolvimento das ideias demonstra que, na linha 3, a flexão de singular em “deve” estabelece relações de coesão e de concordância gramatical com o termo “democracia”.

15. O pronome “isso” (linha 8) exerce, na organização dos argumentos do texto, a função coesiva de retomar e resumir o fato de que as “demandas públicas da maior parte da população” (linha 6) são escolhidas por meio de “formas de participação/representação” (linha 7).

(CESPE/UnB-2009/TCU)

O exercício do poder ocorre mediante múltiplas dinâmicas, formadas por condutas de autoridade, de domínio, de comando, de liderança, de vigilância e de controle de uma pessoa sobre outra, que se comporta com dependência, subordinação, resistência ou rebeldia. (...)

Maria da Penha Nery. Vínculo e afetividade: caminhos das relações

16. Nas relações de coesão que se estabelecem no texto, o pronome “que” (linha 3) retoma a expressão “exercício do poder” (linha 1).

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que, nos próximos quatro anos, os investimentos na indústria brasileira chegarão a R\$ 500 bilhões, um valor 60% maior do que os R\$ 311 bilhões investidos entre 2005 e 2008 (o banco não incluiu 2009, pois ainda não dispõe de dados consolidados do ano passado).

O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo, como a indústria naval e a de fabricação de plataformas. Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia.

Mas o BNDES prevê também fortes investimentos em setores voltados para atender à demanda interna, entre os quais o automobilístico.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

17. O termo “como” (linha 8) estabelece, no período em que foi empregado, uma relação de comparação entre a “cadeia econômica ligada ao óleo” (linhas 7-8) e “a indústria naval e a de fabricação de plataformas” (linha 8).

(CESPE/UnB-2010/MPU)

As projeções sobre a economia para os próximos dez anos são alentadoras. Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza. Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.

Tais previsões baseiam-se na hipótese de que o país vai superar eventuais obstáculos que impediriam a economia de crescer a ritmo continuado de 5% ao ano, em média. Para realizar essas projeções, o Brasil precisa aumentar a sua capacidade de poupança doméstica e investir mais para ampliar a oferta e se tornar competitivo.

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável.

O Globo, Editorial, 12/7/2010 (com adaptações).

18. Depreende-se da leitura do texto que o Brasil, em uma década, será membro do grupo dos países ricos.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que, nos próximos quatro anos, os investimentos na indústria brasileira chegarão a R\$ 500 bilhões, um valor 60% maior do que os R\$ 311 bilhões investidos entre 2005 e 2008 (o banco não incluiu 2009, pois ainda não dispõe de dados consolidados do ano passado).

O estudo aponta forte concentração dos investimentos na exploração de petróleo e gás, não tanto no pré-sal, mas, especialmente, na cadeia econômica ligada ao óleo, como a indústria naval e a de fabricação de plataformas. Trata-se de um investimento que estimula outros setores da economia.

Mas o BNDES prevê também fortes investimentos em setores voltados para atender à demanda interna, entre os quais o automobilístico.

O Estado de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

19. Infere-se das informações do texto que o investimento na exploração de combustíveis fósseis e na cadeia econômica associada a essa atividade influencia o desenvolvimento de outras áreas da economia.

(CESPE/UnB-2010/BASA)

A discussão acerca da influência do pensamento econômico na teoria moderna é aparentemente uma discussão metateórica, ou seja, de caráter metodológico. Mas, na ciência econômica, como de resto nas ciências sociais em geral, não há consenso sobre a forma de evolução dos paradigmas.

Contrariamente ao que, em regra, acontece no mundo das ciências naturais, há aqui dúvidas a respeito de se o conhecimento mais recente é necessariamente o melhor, o mais verdadeiro, ou seja, aquele que incorporou produtivamente os desenvolvimentos teóricos até então existentes, tendo deixado de lado aqueles que não se mostraram adequados a seu objeto.

(...)

Leda Maria Paulani. Internet: <www.fipe.org.br> (com adaptações).

20. Infere-se do texto que o conhecimento recente da área econômica pode não ser, necessariamente, o que incorporou as melhores facetas do conhecimento historicamente desenvolvido.

(CESPE/UnB-2009/DETRAN-DF)

(...) Tendo como principal propósito a interligação das distantes e isoladas províncias com vistas à constituição de uma nação-Estado verdadeiramente unificada, esses pioneiros da promoção dos transportes no país explicitavam firmemente a sua crença de que o crescimento era enormemente inibido pela ausência de um sistema nacional de comunicações e de que o desenvolvimento dos transportes constituía um fator crucial para o alargamento da base econômica do país. (...)

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.gov.br> (com adaptações).

21. A palavra “crucial” (linha 6) está sendo empregada com o sentido de árduo, difícil.

(CESPE/UnB-2009/Instituto Rio Branco)

O protocolo de adesão, assinado em julho de 2006, ainda precisa ser aprovado pelo Senado para entrar em vigor. Os congressos do Uruguai, da Argentina e da própria Venezuela já votaram pela entrada do país no MERCOSUL. Apenas o Paraguai e o Brasil ainda não cancelaram o acordo. (...)

Maria Clara Cabral. Folha de S.Paulo, 18/12/2008.

22. A palavra “cancelaram” (linha 4) está sendo empregada com o sentido de sancionaram.

(CESPE/UnB-2009/Instituto Rio Branco)

A diferença na linguagem

“Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos, mas não para os ouvidos.” Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente homogêneo.

Bento Prado Jr. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto acima, julgue os itens a seguir.

23. A palavra “acentos” (linha 2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que “acento” (linha 5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

24. O uso recorrente de vocábulos pertencentes aos campos semânticos da visão e da audição prejudica a coerência e a coesão do texto.

(CESPE/UnB-2011/Correios)

O FMI e o controle de capitais

1 O Fundo Monetário Internacional (FMI) acaba de
entregar ao público em geral dois documentos sobre o controle
de capitais. Os textos não escondem o seu caráter de
4 compromisso, diante das desavenças entre os representantes
dos emergentes e dos desenvolvidos. Mas, como de hábito, os
economistas do Fundo não conseguem esconder sua hesitação
7 (temor?) em avaliar o papel e a responsabilidade dos mercados
financeiros internacionalizados e mal regulados na alternância
cíclica que afetou e vem afetando os emergentes submetidos
10 aos humores e idiossincrasias dos capitais nervosos.

A despeito da sucessão de crises financeiras e
cambiais que se abateram nos últimos 30 anos sobre os ex-
13 periféricos (agora emergentes), a turma do Fundo Monetário
continua a acreditar na fábula dos mercados eficientes. Lá pelas
tantas escrevem que “a integração financeira é
16 fundamentalmente benéfica para os mercados emergentes, na
medida em que elimina as restrições ao investimento produtivo,
impulsiona a diversificação do risco, promove as decisões
19 intertemporais e contribui para o desenvolvimento dos
mercados financeiros”.

Nada de novo: a controvérsia sobre a efetividade dos
22 controles de capitais, tão acerba quanto monótona, termina
indefectivelmente com a vitória da turma da bufunfa, aqueles
que se refestelam na arbitragem com o diferencial de juros
25 entre os países e engordam seus cabedais sob o patrocínio de
capitais voláteis. Neste momento, as instituições financeiras
salvas de suas próprias imprudências e abarrotadas de liquidez,
28 ademais aborrecidas com o baixo rendimento dos
investimentos domésticos, estão a fomentar novas bolhas
mundo afora.

Luiz Gonzaga Belluzzo. O FMI e o controle de capitais.
In: Carta Capital, ano XVI, n.º 641, 13/4/2011, p. 39.

Com relação ao uso de vocábulos e expressões do texto acima, julgue o item a seguir.

25. Caracterizam vocabulário técnico da área de economia, em que se situa a temática do texto, os seguintes vocábulos: “mercados” (L.7), “liquidez” (L.27), “rendimento” (L.28) e “investimentos” (L.29).

(CESPE/UnB-2011/EBC)

É possível encontrar diversos conceitos ou definições acerca do que se pode chamar de sistema público de comunicação, seja em livros e pesquisas, seja em documentos oficiais. Geralmente, evoca-se o horizonte educativo e cultural inerente a essas mídias. Em outros momentos, enfatiza-se o fato de serem empresas não comerciais. Há, ainda, a noção de que mídia pública é aquela que cumpre o papel de dar visibilidade ao debate público, sendo autônoma em relação ao mercado e também livre das amarras ou das ingerências governamentais. Essas variadas ênfases ou visões são fruto das influências que a ideia de comunicação pública absorveu em seu percurso histórico durante boa parte do século XX.

A definição atual de mídia pública incorpora essas facetas e sustenta algumas outras características relevantes, podendo ser resumida nos seguintes termos: mídia pública é um meio de comunicação em que não se prevê atividade comercial direcionada à obtenção de lucro para proprietários particulares ou acionistas privados, e que apresenta, simultaneamente, algum nível de participação pública em seu gerenciamento. Quanto mais autônoma ela é em relação ao mercado, quanto mais livre de ingerências governamentais e quanto mais aberta e predisposta à participação do cidadão, mais forte e qualificado é o adjetivo pública.

Internet: <www.direitoacomunicacao.org.br> (com adaptações).

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

26. A substituição da expressão “acerca do” (L.2) por **em cerca do** manteria a correção gramatical do período.

27. Seria mantida a correção gramatical do período ao se substituir “ênfatiza-se” (L.5) por **é enfatizado**.

(CESPE/UnB-2010/ANEEL)

1 Vão surgindo novos sinais do crescente otimismo da
indústria com relação ao futuro próximo. Um deles refere-se às
exportações. “O comércio mundial já está voltando a se abrir
4 para as empresas”, diz o gerente executivo de pesquisas da
Confederação Nacional da Indústria (CNI), Renato da Fonseca,
para explicar a melhora das expectativas dos industriais com
7 relação ao mercado externo.

Quanto ao mercado interno, as expectativas da
indústria não se modificaram. Mas isso não é um mau sinal,
10 pois elas já eram francamente otimistas. Há algum tempo, a
pesquisa da CNI, realizada mensalmente a partir de 2010,
registra grande otimismo da indústria com relação à demanda
13 interna. Trata-se de um sentimento generalizado. Em todos os
setores industriais, a expressiva maioria dos entrevistados
acredita no aumento das vendas internas.

O Estado de S. Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

Em relação às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

28. A substituição de “se modificaram” (L.9) por **foram modificadas** prejudicaria a correção gramatical do período.

(CESPE/UnB-2011/IFB)

1 No Brasil, 1.120 empresas não pagam salário a seus
empregados. Acalmem-se, defensores dos direitos humanos,
pois não estamos falando de trabalho escravo. Trata-se de uma
4 modalidade de negócio que funciona com a mão de obra
voluntária de estudantes universitários. O número de empresas
juniores, como são chamados esses empreendimentos, teve um
7 crescimento de 87% nos últimos cinco anos — cinco vezes o
de instituições de ensino superior. Uma empresa júnior, sempre
sediada em uma universidade, é formada e administrada por
10 alunos interessados em pôr em prática o que aprendem nas
salas de aula. Quando necessário, um professor é chamado para
orientar e tirar dúvidas, mas, das funções mais simples de
13 escritório até a direção executiva, todos os cargos são ocupados
por estudantes. A companhia tem estatuto e regimentos
próprios, e o preço cobrado por seus produtos e serviços é
16 bastante inferior ao do mercado. Seus clientes são, quase
sempre, micro e pequenas empresas para as quais contratar
uma consultoria especializada sai muito caro.

Julia Carvalho. In: Veja, 10/11/2010 (com adaptações).

Acerca de aspectos estruturais e dos sentidos do texto acima, julgue os itens a seguir.

29. O sentido e a correção gramatical de texto seriam mantidos se, no trecho “Uma empresa júnior, sempre sediada em uma universidade, é formada” (L.8-9), o segmento sublinhado fosse deslocado para o início do período, da seguinte forma: Sempre sediada em uma universidade, uma empresa júnior é formada.

30. O sentido original e correção gramatical do texto não serão prejudicados caso seu último período seja reescrito da seguinte maneira: Seus clientes são micro e pequenas empresas para as quais contratar uma consultoria especializada sai, quase sempre, muito caro.

(CESPE/UnB-2012/Polícia Federal)

- 1 Dizem que Karl Marx descobriu o inconsciente três décadas antes de Freud. Se a afirmação não é rigorosamente exata, não deixa de fazer sentido, uma vez que Marx, em O Capital, no capítulo sobre o fetiche da mercadoria, estabelece dois parâmetros conceituais imprescindíveis para
5 explicar a transformação que o capitalismo produziu na subjetividade. São eles os conceitos de fetichismo e de alienação, ambos tributários da descoberta da mais-valia — ou do inconsciente, como queiram.

- A rigor, não há grande diferença entre o emprego dessas duas palavras na psicanálise e no materialismo histórico. Em Freud, o fetiche
10 organiza a gestão perversa do desejo sexual e, de forma menos evidente, de todo desejo humano; já a alienação não passa de efeito da divisão do sujeito, ou seja, da existência do inconsciente. Em Marx, o fetiche da mercadoria, fruto da expropriação alienada do trabalho, tem um papel decisivo na produção “inconsciente” da mais-valia. O sujeito das duas
15 teorias é um só: aquele que sofre e se indaga sobre a origem inconsciente de seus sintomas é o mesmo que desconhece, por efeito dessa mesma inconsciência, que o poder encantatório das mercadorias é condição não de sua riqueza, mas de sua miséria material e espiritual. Se a sociedade em que vivemos se diz “de mercado”, é porque a mercadoria é o grande
20 organizador do laço social.

Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas.
São Paulo: Boitempo, 2011, p. 142 (com adaptações)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima e a seus aspectos gramaticais, julgue os itens subsequentes.

31. Com correção gramatical, o período “A rigor (...) histórico” (linhas 8 e 9) poderia, sem se contrariar a ideia original do texto, ser assim reescrito: Caso se proceda com rigor, a análise desses conceitos, verifica-se que não existe diferenças entre eles.

32. A informação que inicia o texto é suficiente para se inferir que Freud conheceu a obra de Marx, mas o contrário não é verdadeiro, visto que esses pensadores não foram contemporâneos.

33. A expressão “dessas duas palavras” (linhas 8 e 9), como comprovam as ideias desenvolvidas no parágrafo em que ela ocorre, remete não aos dois vocábulos que imediatamente a precedem — “mais-valia” (linha 7) e “inconsciente” (linha 7) —, mas, sim, a “fetichismo” (linha 6) e “alienação” (linha 6).

34. Depreende-se da argumentação apresentada que a autora do texto, ao aproximar conceitos presentes nos estudos de Marx e de Freud, busca demonstrar que, nas sociedades “de mercado”, a “divisão do sujeito” (linhas 11 e 12) se processa de forma análoga na subjetividade dos indivíduos e na relação de trabalho.

(CESPE/UnB-2012/Polícia Federal)

1 Imagine que um poder absoluto ou um texto sagrado declarem que quem roubar ou assaltar será enforcado (ou terá a mão cortada). Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples, pois a responsabilidade moral do veredicto não estaria conosco. Nas sociedades
5 tradicionais, em que a punição é decidida por uma autoridade superior a todos, as execuções podem ser públicas: a coletividade festeja o soberano que se encarregou da justiça — que alívio!

A coisa é mais complicada na modernidade, em que os cidadãos comuns (como você e eu) são a fonte de toda autoridade jurídica e moral.
10 Hoje, no mundo ocidental, se alguém é executado, o braço que mata é, em última instância, o dos cidadãos — o nosso. Mesmo que o condenado seja indiscutivelmente culpado, pairam mil dúvidas. Matar um condenado à morte não é mais uma festa, pois é difícil celebrar o triunfo de uma moral tecida de perplexidade. As execuções acontecem em lugares fechados,
15 diante de poucas testemunhas: há uma espécie de vergonha. Essa discrição é apresentada como um progresso: os povos civilizados não executam seus condenados nas praças. Mas o dito progresso é, de fato, um corolário da incerteza ética de nossa cultura.

Reprimimos em nós desejos e fantasias que nos parecem ameaçar o
20 convívio social. Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. Mas a coisa muda quando a pena é radical, pois há o risco de que a morte do culpado sirva para nos dar a ilusão de liquidar, com ela, o que há de pior em nós. Nesse caso, a execução do condenado é usada para limpar nossa alma. Em geral, a justiça sumária é
25 isto: uma pressa em suprimir desejos inconfessáveis de quem faz justiça. Como psicanalista, apenas gostaria que a morte dos culpados não servisse para exorcizar nossas piores fantasias — isso, sobretudo, porque o exorcismo seria ilusório. Contudo é possível que haja crimes hediondos nos quais não reconhecemos nada de nossos desejos reprimidos.

Contardo Calligaris. Terra de ninguém – 101 crônicas. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 94-6 (com adaptações).

Com referência às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens de 35 a 41.

35. Suprimindo-se o emprego de termos característicos da linguagem informal, como o da palavra “coisa” (linha 8) e o do trecho “(como você e eu)” (linha 9), o primeiro período do segundo parágrafo poderia ser reescrito, com correção gramatical, da seguinte forma: Essa prática social apresenta-se mais complexa na modernidade, onde a autoridade jurídica e moral submete-se à opinião pública.

36. No período “Nesse caso (...) estaria conosco” (linhas 2 a 4), como o conector “ou” está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado “seria simples” poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: seriam.

37. De acordo com o texto, nas sociedades tradicionais, os cidadãos sentem-se aliviados sempre que um soberano decide infligir a pena de morte a um infrator porque se livram das ameaças de quem desrespeita a moral que rege o convívio social, como evidencia o emprego da interjeição “que alívio!” (linha 7).

38. Mantendo-se a correção gramatical e a coerência do texto, a oração “se alguém é executado” (linha 10), que expressa uma hipótese, poderia ser escrita como *caso se execute alguém*, mas não, como *se caso alguém se execute*.

39. O termo “Essa descrição” (linha 16) refere-se apenas ao que está expresso na primeira oração do período que o antecede.

40. Na condição de psicanalista, o autor do texto adverte que a punição de infratores das leis é uma forma de os indivíduos expurgarem seus desejos inconfessáveis, ressalvando, no entanto, que, quando se trata de crime hediondo, tal não se aplica.

41. Nas linhas 20 e 21, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome “*mesmas*”, seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra “*as*” da expressão “*as mesmas renúncias*”.

(CESPE/UnB-2011/TCU-Auditor Federal de Controle Externo)

1 Na história das ideias, são raras as proposições gerais que não se desfazem em exceções. É necessário, no entanto, generalizar e comparar, e a generalização que nos servirá de ponto de partida está entre as mais robustas de que a história das ideias é capaz. Ei-la: o grande divisor de águas no tocante à evolução da noção de progresso civilizatório e do seu impacto sobre a felicidade humana foi o Iluminismo europeu do século XVIII — a “era da razão”. A equação fundamental do Iluminismo pressupunha a existência de uma espécie de harmonia preestabelecida entre o progresso da civilização e o aumento da felicidade.

11 A meteorologia usa o barômetro para medir a pressão da atmosfera e prever as mudanças do clima. Se a história das ideias possuísse um instrumento análogo, capaz de fazer leituras barométricas dos climas de opinião em determinados períodos e de registrar as variações de expectativa em relação ao futuro em diferentes épocas, então haveria pouca margem para dúvida de que o século XVIII deslocaria o ponteiro da confiança no progresso e no aumento da felicidade humana

ao longo do tempo até o ponto mais extremo de que se tem notícia nos anais da história intelectual.

Eduardo Giannetti. Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 19-22 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os seguintes itens.

42. Preservando-se a coerência e a correção gramatical do texto, seu primeiro período poderia ser assim reescrito: É raro, na história das ideias, que se encontre proposições de natureza geral que se mantenham firmes diante de exceções.

43. A relação entre progresso civilizatório e felicidade está associada a um momento histórico específico, o Iluminismo, embora o texto indique que a relação entre esses elementos possa ser observada em outras épocas e movimentos históricos.

44. O reconhecimento, pelo autor, de que seu argumento está fundamentado em base frágil, a generalização na história das ideias, e de que essa generalização é necessária funciona como forma de evitar, no nível discursivo, eventuais críticas ao seu posicionamento.

(CESPE/UnB-2012/TCE-ES-Auditor)

Texto para os itens de 45 a 50.

As auditorias gerais ou controladorias e as cortes de contas surgiram na Europa e influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais. As primeiras predominam nos países de tradição anglo-saxônica, enquanto as últimas são mais comuns nos países influenciados pela Europa continental.

As cortes surgiram com a preocupação de controlar a legalidade da gestão financeira do setor público. Esse controle pressupõe que o exato cumprimento da lei é condição necessária para a correta aplicação dos recursos públicos. Por essa razão, a primeira atribuição das cortes de contas foi verificar se o gestor havia agido conforme a legislação, se seus atos estavam respaldados nas normas aplicáveis.

O controle gerencial, por sua vez, é a principal marca das auditorias gerais ou controladorias. Essa modalidade de controle prioriza a análise dos atos administrativos em relação tanto aos seus custos quanto aos resultados almejados e alcançados.

Em relação ao estatuto jurídico e à efetividade de suas decisões, as entidades fiscalizadoras superiores diferem de país para país. Algumas têm natureza administrativa, ou seja, as suas decisões podem ser revistas pelo Poder Judiciário. Outras, porém, apresentam natureza jurisdicional, ou seja, as suas decisões são definitivas em relação ao seu objeto.

Alexandre Amorim Rocha. O modelo de controle externo exercido pelos tribunais de contas e as proposições legislativas sobre o tema. Internet: <www.senado.gov.br> (com adaptações).

Com base nas ideias do texto acima, julgue os itens a seguir.

45. O controle gerencial privilegia a análise dos custos dos atos administrativos e os resultados que se pretende alcançar.
46. A diferença entre as entidades fiscalizadoras superiores de cada país restringe-se ao estatuto jurídico e à efetividade que suas decisões apresentam em cada nação.
47. Infere-se do texto que, nos países europeus, prevalecem as cortes de contas como entidades fiscalizadoras superiores.
48. Depreende-se da leitura do texto que, devido à influência cultural e financeira da Europa continental na maior parte do mundo, as cortes de contas são mais comuns que as controladorias.
49. Após os pronomes “Algumas” e “Outras”, está subentendida a expressão “entidades fiscalizadoras superiores”.
50. Mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, o trecho “e influenciaram a organização de quase todos os Estados nacionais” poderia ser reescrito da seguinte forma: e influíram na organização da maioria das unidades federativas brasileiras.

Texto para os itens de 51 a 55.

O Tribunal de Contas da União (TCU) constatou que tribunais regionais do trabalho utilizaram indexadores de correção monetária e juros diferentes dos previstos na legislação para pagamentos de passivos a servidores e juízes.

O Conselho Superior da Justiça do Trabalho, instância de supervisão administrativa dos tribunais trabalhistas, provocado pelo TCU, recalculou o montante devido desses passivos, reduzindo o valor de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 1,2 bilhão, aproximadamente.

De acordo com o relatório, o valor total de R\$ 1,5 bilhão já foi pago em duas parcelas (2010 e 2011). Unidade técnica do TCU vai monitorar as providências adotadas pelos órgãos responsáveis para a recomposição aos cofres públicos dos valores pagos indevidamente.

No relatório, identificou-se que os erros cometidos na quantificação e no registro dos passivos de pessoal, em todo o país, se referiam a diferenças da conversão dos salários de unidade real de valor (URV), a diferenças remuneratórias do recálculo da parcela autônoma de equivalência e a diferenças no adicional de tempo de serviço que deveria ser pago entre janeiro de 2005 e maio de 2006. O montante não inclui o valor referente ao cálculo do VPNI e a eventuais compensações nem possíveis valores pagos acima do teto remuneratório constitucional.

O tribunal deu início à fiscalização em outros tribunais regionais após constatar passivos indevidos na ordem de aproximadamente R\$ 270 milhões em um desses órgãos do país. Nesse processo, determinou-se a suspensão dos pagamentos até que os cálculos fossem revistos.

Internet: <<http://portal2.tcu.gov.br>> (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens subsequentes.

51. Os “indexadores de correção monetária e juros diferentes dos previstos na legislação para pagamentos de passivos a servidores e juízes” foram a causa dos “erros cometidos” pelos tribunais.

52. Na linha 20, o elemento “que” introduz oração que restringe o sentido do termo “adicional de tempo de serviço”.

53. Depreende-se do texto que os tribunais regionais do trabalho terão de recolher aos cofres públicos cerca de R\$ 300 milhões em virtude de pagamento indevido de passivo.

54 A irregularidade constatada em um tribunal brasileiro provocou o recálculo dos passivos devidos nos tribunais regionais do trabalho em todo o Brasil.

55 O trecho “entre janeiro de 2005 e maio de 2006” poderia ser reescrito, sem prejuízo para o sentido original e a correção gramatical do texto, da seguinte forma: de janeiro de 2005 à maio de 2006.

GABARITO

01. Certo	29. Certo
02. Certo	30. Errado
03. Certo	31. Errado
04. Errado	32. Errado
05. Certo	33. Certo
06. Certo	34. Certo
07. Errado	35. Errado
08. Errado	36. Errado
09. Errado	37. Errado
10. Errado	38. Errado
11. Certo	39. Certo
12. Errado	40. Errado
13. Certo	41. Errado
14. Errado	42. Errado
15. Errado	43. Certo
16. Errado	44. Certo
17. Errado	45. Certo
18. Errado	46. Errado
19. Certo	47. Errado
20. Certo	48. Errado
21. Errado	49. Certo
22. Certo	50. Errado
23. Certo	51. Certo
24. Errado	52. Certo
25. Certo	53. Certo
26. Errado	54. Certo
27. Certo	55. Errado
28. Errado	

ÓTIMOS ESTUDOS E EXCELENTE PROVA!

Para refletir: “A distância entre o sonho e a realidade chama-se **disciplina.**”
(Bernardinho)

FORTE ABRAÇO!

PROF. FABIANO SALES (fabianosales@estrategiaconcursos.com.br)